COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA
M. Bettencourt
INSULARES

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

...nheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

...SAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

...eiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, ...ie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande ...tidade de formulas e dados praticos com applicação á ...nheria nos seus differentes ramos; 8.ª edição muito ...entada. Este livro deve ser o companheiro indispen... do contra-mestre, do mestre, do architecto e final...e do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho ...amente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — ...o 800 réis br., 1$000 réis enc

...o fogueiro conductor de machinas de va... approvado pela associação dos engenheiros civis por...ezes. Livro escripto expressamente para servir de en...nento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a ...aria do ministerio da marinha que obriga esta classe ... individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br. 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 558 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—8.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as construir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.

Manual ...res de technologia, Livr... se dedicam á industria, e tr...tos: — Madeiras. — Rochas...es. — Materias textis. — Con...s gravuras explicativas. Pre...

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cada vol. br. 200 rs. Enc. 300 rs.—Pelo correio 220 e 320

Volumes publicados

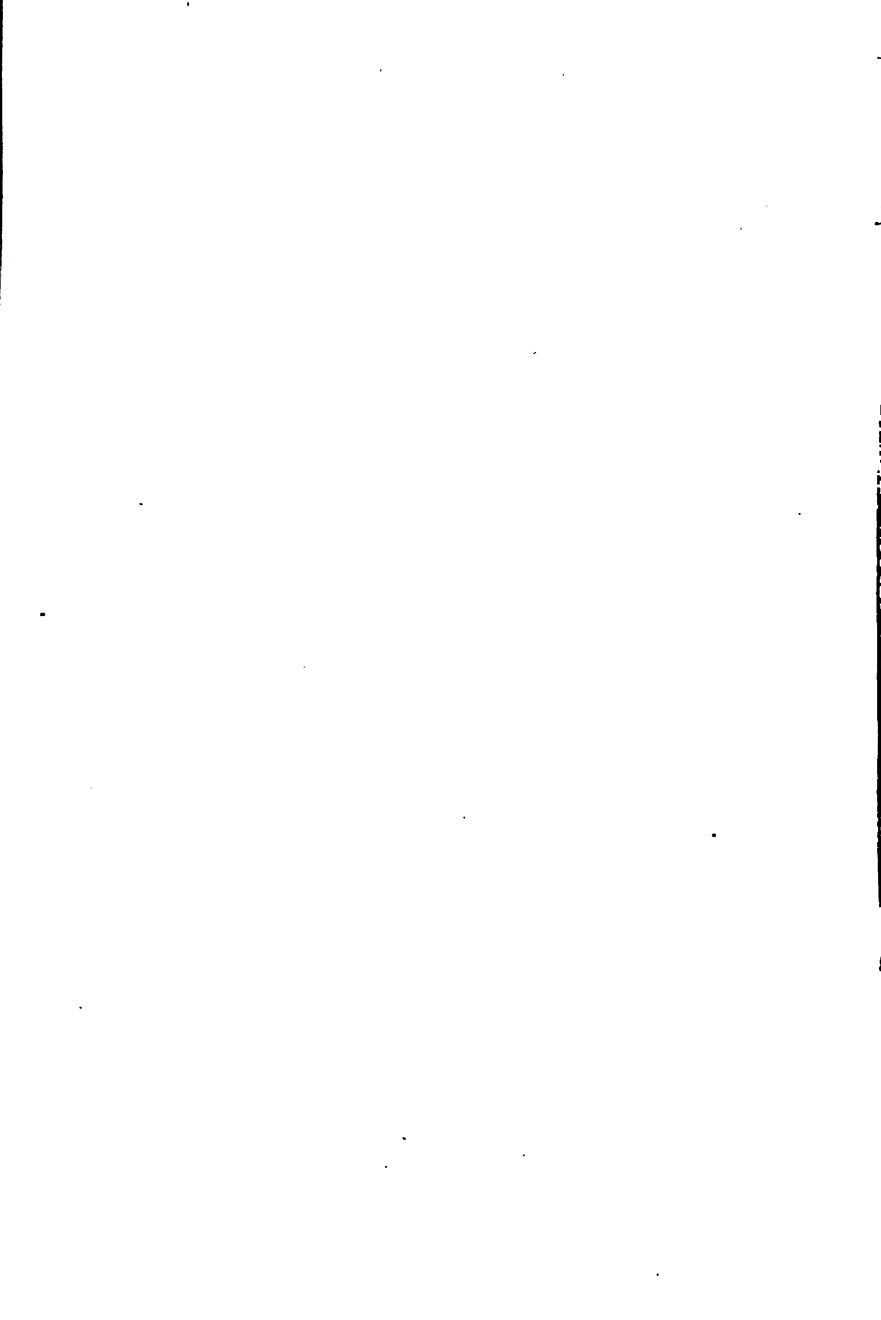
I. Coisas espantosas. — II. As tres irmans. — III. A engeitada. — IV. Doze casamentos felizes. — V. O esqueleto. — VI. O bem e o mal. — VII. O senhor do paço de Ninães. — VIII Anathema. — IX. A mulher fatal. — X. Cavar em ruinas. — XI e XII. Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e C. C. Branco. — XIII. Divindade de Jesus. — XIV. A doida do Candal. — XV. Duas horas de leitura. — XVI. Fanny. — XVII, XVIII e XIX. Novellas do Minho. — XX e XXI. Horas de paz. — XXII. Agulha em palheiro. — XXIII. O olho de vidro. — XXIV. Annos de prosa. — XXV. Os brilhantes do brasileiro. — XXVI .A Bruxa de Monte-Cordova — XXVII. Carlota Angela.—XXVIII. Quatro horas innocentes. — XXIX. As virtudes antigas. — Um poeta portuguez... rico ! — XXX. A filha do Doutor Negro. — XXXI. Estrellas propicias. — XXXII. A filha do regicida. — XXXIII e XXXIV. O demonio do ouro. — XXXV. O regicida. — XXXVI. A filha do arcediago. — XXXVII. A neta do arcediago. — XXXVIII. Delictos da Mocidade. — XXIX. Onde está a felicidade? — XL. Um homem de brios. — XLI. Memorias de Guilherme do Amaral — XLII, XLIII e XLIV. Mysterios de Lisboa. — XLV e XLVI. Livro negro de padre Diniz. — XLVII e XLVIII. O Judeu. — XLIX. Duas épocas da vida. — L. Estrellas funestas. — LI. Lagrimas abençoadas. — LII. Lucta de gigantes. — LIII e LIV. Memorias do carcere. — LV. Mysterios de Fafe.

NOVA COLLECÇÃO PEREIRA

A 50 RÉIS O VOLUME BROCHADO

Pelo correio 60 réis

Ultimos volumes publicados

N.º 14 — **O tanoeiro Nuremberg**, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag
N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka)**, costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — **Vida phantastica**, por Méry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — **O padre Daniel**, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — **Um coração simples**, de Gustave Flaubert.
N.º 19 — **Yan**, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — **O tio Scipião**, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de Octavio Feuillet.
N.º 22 — **O crime do juiz**, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — **A Inundação**, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — **Os Rantzau**, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

MENDO BEM

(MONIZ DE BETTENCOURT)

INSULARES

Contos e historias

1907
Parceria Antonio Maria Pereira
LIVRARIA EDITORA E OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

1907

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.° e 2.° andar

LISBOA

A Severianno Moniz de Bettencourt

este livro que, de onde em onde, nos fala
das nossas formosas terras insulares.

PROLOGO

No conceituoso dizer de Louis Delaporte, a nossa epoca ha de ter um dia, na historia da litteratura, este justo qualificativo: epoca da critica.

Em boa verdade, que a nossa caracteristica está no espirito de investigação que em tudo se insinua: nas lettras, nas bellas-artes, na dramatologia, na musica, nas sciencias, e, até na politica! E' que a critica, que teve por fundadores, Saint Evremond, Bayle, Voltaire e Montesquieu, constitue um dos poderosos e primaciaes factores das sociedades civilisadas, ricas de recordações impressivas, curiosas e avidas de saber.

Não se julgue, porém, que no modesto prologo, que a honrosas instancias de Mendo

Bem estou escrevendo, farei um estendal de critica: nem esfumados laivos lhe imprimirei. Seria olvidar as criteriosas palavras de Saint Beuve. Não que a critica seja, a meu ver, um aleijão litterario, tanto para o auctor que ella anima e alenta, ou corrige outras vezes, como para o leitor que ella adverte e ensina a apreciar as obras.

Mas porque a critica sincera, verdadeira, salutar, reclama mais alevantada cultura intellectual do que, geralmente, as outras formulas litterarias.

Critica? é para os profissionaes, para os mestres, que não para os *dilettanti* da litteratura, que, como eu, só estudam e escrevem nas horas de lazêr que nos sobejam das canceiras officiaes.

Sou, por isso, como os *rapins* da pintura: não passo das applicações da mortecôr; não tenho, para julgar das obras alheias, outra quilateira senão o prazer ou o desprazer da leitura. Assim, foraneo da critica, escrevo consoante as minhas impressões pessoaes, como fazia o auctor do *Contrato Social*. Por este prisma, unicamente por elle, se devem de ler estas palavras.

*

* *

Mendo Bem (pseudonymo de Francisco Moniz de Bettencourt) honra lhe seja, não é um pretenso revolucionario em litteratura, não tem a preoccupação da escola, naturalista ou romantica, parnasiana ou decadente, classica ou nephelibata.

E como a contraditar o precoce encanecer d'este escriptor, ha em todos os seus livros lampejos de mocidade, como ha um certo criterio de Boileau. Não escreve romances, é certo, como a *Brazileira de Pranzins*, de Camillo Castello Branco, como os *Maias*, de Eça de Queiroz, como as *Pupillas do Senhor Reitor*, de Julio Diniz; não escreve contos como Catulle Mendes; não escreve chronicas como Guilherme de Azevedo, folhetins como Pinheiro Chagas. Mas participa das suavidades de Julio Cesar Machado, das *bluettes* de Gervasio Lobato, das narrativas de Maximiano de Azevedo. Nem todas as estatuas são collossos de Rhodes; nem todos os generaes são Atila ou Napoleão.

Mendo Bem não escalpelia os problemas sociologicos sobre a influencia d'este acabar e principiar de seculos nos destinos dos povos, nem sobre a antinomia das leis com os costumes, sobre o antagonismo do individuo com a sociedade. Limita-se a pensar de si para comsigo, como Virgilio: *Dî meliora,* porque a sua fina penna só se entrega a labores propriamente litterarios. Burilla e enfeixa phrases, enterce e engrinalda periodos, no conchego do seu lar, cercado dos seus livros, como aquelles *artistas solitarios,* que só lapidam gemmas, seleccionam perolas, facetam jaspes e sardonicas. E quer em verso, quer em prosa, a fluencia jorra-lhe com a expontaneidade das vertentes entre collinas.

Octavio Mirbeau disse algures, que adorava o espirito do escriptor que se identificava com o espirito do seu paiz, com o solo onde nasceu, com a existencia dos seus conterraneos.

Pois Mendo Bem possue em subido grau estes attributos: filho dos Açôres, é um escriptor essencialmente açôreano. Nos seus livros de versos *Valle das Furnas, Marienses;* na sua prosa *Notas de Viagem*, e em tantis-

simos escriptos esparsos, e nos que ainda não vieram á publicidade, em toda a sua obra, que já não é pequena, Mendo Bem revella o seu amor pela patria açôreana. Ainda bem que tal succede. Era tempo de fazermos, nós, os açôreanos, uma litteratura como soe dizer-se, de côr local.

De mim, o mais humilde de todos, dei o exemplo em 1870 com o meu livro de contos *A' Beira-mar*, em 1876 com os *Serões de inverno,* e agora, ha pouco, com a *Bruxa.* Seguiu-se Ernesto Rebello, aquelle mallogrado talento, e agora Mendo Bem e por ventura mais algum escriptor moderno, cujos trabalhos, que por pertencerem ao sorvedouro da imprensa periodica ficam sonegados ao estudo das bibliothecas.

Antes de nós todos, houve uma tentativa, no genero, de José de Torres, que era um escriptor muito distincto, muito conceituado, mas que se não ageitava a assumptos alheios aos ramos scientificos em que era mestre.

*

* *

Insulares é um feixe de contos e narrativas, que se lêem com muito prazer, com a avidez de quem bebe uma vez agua pela folha de um inhame, junto á nascente, em dia de sol canicular. Quando a gente chega á ultima pagina, murmura assim: E' pena!

Este livro tem para mim um encanto: não é banal. A linguagem é de muita singeleza, natural, que não da simplicidade affectada, com que hoje se pretende ser *naturalista,* e se não passa de um snobismo contrafeito.

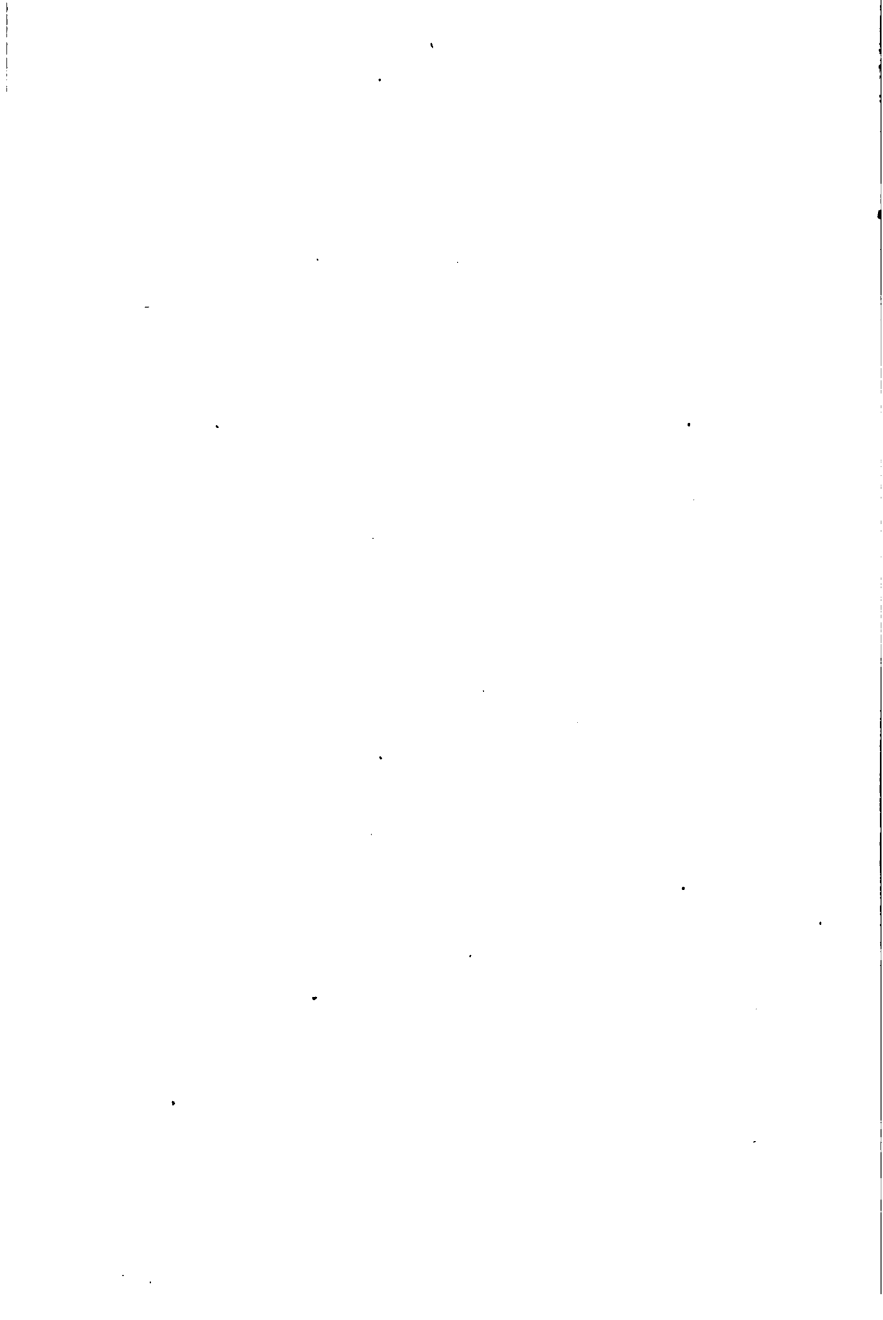
Para não alongar-me em detalhes, que muitas vezes prejudicam a obra, subjectivarei a minha apreciação á synthese de alguns dos contos.

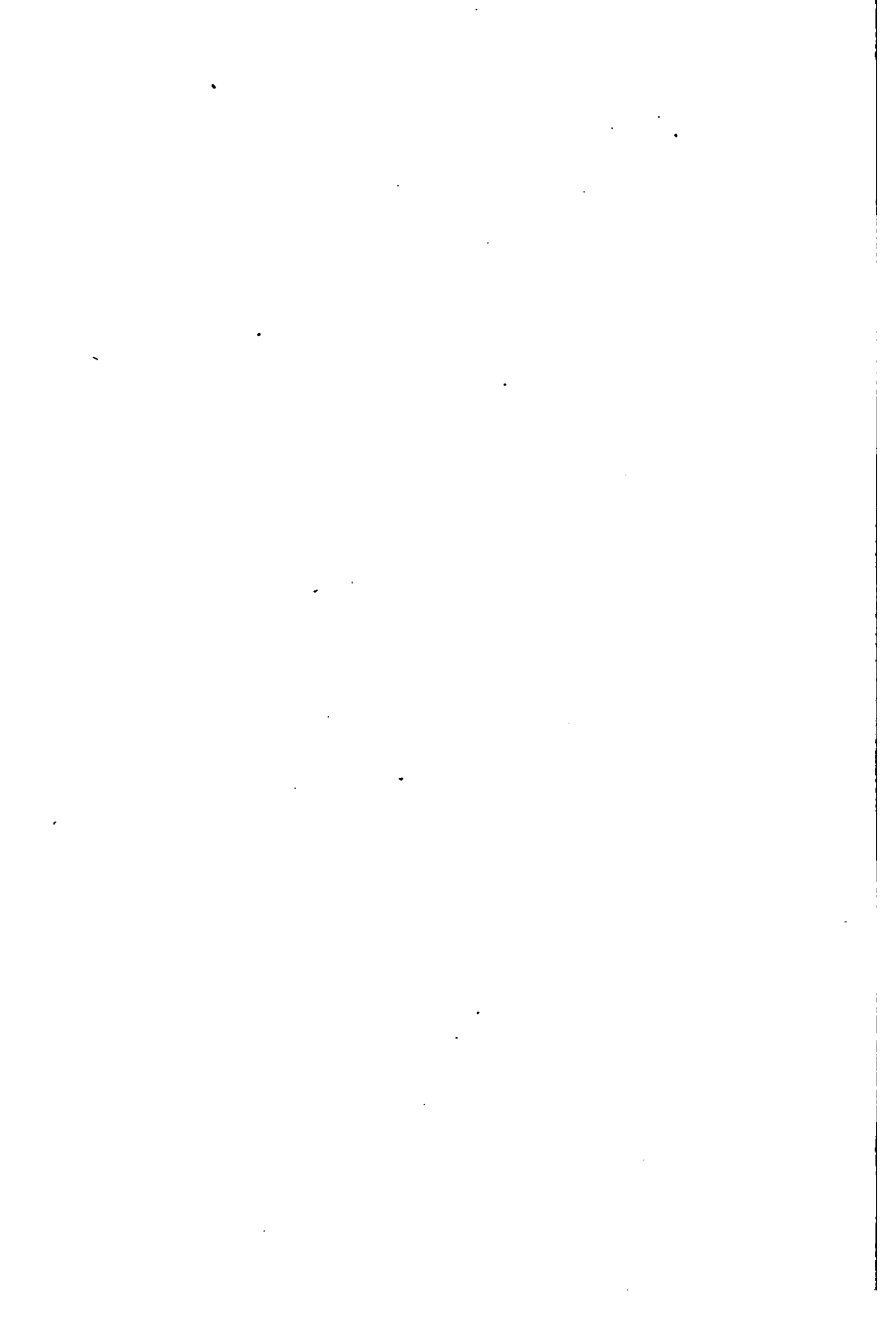
Victorina: genero descriptivo de terras pittorescas de S. Jorge: tem muito relêvo; *Rozaria:* um delicioso quadro de amor filial, como os desenhava Rodrigo Paganino; *Judith; Iniciação:* ramilhete de phrases rendilhadas, de uma sensualidade dos Tropicos; *No Intimo:* paginas nevroticas com uns estos de Antony;

Violetas: positivamente poesia em prosa; *Mestre Costa:* resalta no quadro o alfaiate provinciano; *Soalheiro aldeão;* um typo fiel de alviçareiro de aldêa.

Nos typos que dão vida a estas narrativas e a estes contos predominam os retratos de mulheres. O amor é a nota que mais vibra; o sentimento é todo pessoal. A alma do auctor como que se entrevê n'estas paginas, qual se vêem as imagens atravez de um crystal da Bohemia.

Insulares, um bello livro para estante selecta.

AUGUSTO LOUREIRO.

I

MILAGRES

MILAGRES

A Maria de Tavora.

Tinha sahido de pouco.

Aquella cabecinha encantadora, leve, como uma pluma, oscilante, como uma ventoinha, poisava, elegantemente, no seu corpo alto e franzino, em que mal se pronunciavam ainda as fórmas indecisas da puberdade.

Os olhos, porém, cercados de uns cilios espessos, frondosissimos, fulgiam, por vezes, com uns lumes quentes, apaixonados, filhos da sua natureza puramente insular. Tinham o brilho voluptuoso e terno das pupillas esplendorosas das filhas de Israel, como os movimentos, castos e dolentes, das primorosas safiras, que transluzem, azulinas, nas faces de rosa-chá das formosas mulheres da verde Erin.

No mais, era uma criança: alta, como um caniço; buliçosa como uma arveloa; sorridente, como uma aurora!

O pae, que mourejava nas feracissimas terras brazileiras, fôra arrancal-a ao clima brando, delicioso, da sua formosa ilha, para a expôr, sem transição, ao truculento sol dos tropicos, que mata, de chofre, as mais valentes naturezas.

Ainda assim, — mercê d'aquelle espirito original e travesso, d'aquelle temperamento são e escorreito, — corriam as horas, os dias, os mezes, e, em vez de se atrophiar o seu corpo gentilissimo, suave, parecia que, ao passarem as brisas calidas por entre as alterosas cannas e os verde-negros cafésaes, mais se desenvolviam as admiraveis fórmas da buliçosa e encantadora virgem.

Se a têz adquirira, pouco a pouco, o tom moreno, levemente queimado, das filhas da grande republica federal, pronunciavam-se, comtudo, nas faces tersas, mas macias como a pennugem dos arminhos, as côres rosadas e sadias, que são apanagio e encanto das naturaes da fria e nevoenta Inglaterra.

E nos labios, carnudos e appetitosos, volteava, sempre, o puro e immaculado sorriso das suas floridas dezaseis primaveras.

Era um consolo vel-a chilrear n'aquella casa de expatriados, como os sabiás indigenas, e amenizar, com os seus repentes galhofeiros e comicos, as magoadas tristuras d'aquelles desterrados da patria, que viam, longinqua, por entre um nevoeiro de saudosas lagrimas.

Depois, quando o pae e o irmão voltavam á noute, extenuados das labutações diarias, tristes pelos improficuos resultados da sua enorme canseira physica, ella, a Milagres, beijava-os extremosa e ternamente, dizia-lhes umas palavras meigas, uns ditos graciosos, e os improbos trabalhadores desenrugavam as frontes, e bemdiziam a fada do seu lar, a alegre e petulante creança, que aureolava, com a luz do seu olhar e o sorriso dos seus labios purpurinos, aquella casa de tristes.

Uma unica cousa ensombrava o seu rosto peregrino e o sorriso travesso, que, de continuo, lhe adejava nos labios. Era a lembrança, sempre viva, da sua formosa ilha, d'aquella

perola negra, cravejada com amor, nas esmeraldas do famoso oceano Atlantico.

Recordava, então, os doces dias da infancia e uma estremecida familia, que a bemqueria e adorava, como mimosa e boa que era.

Então, no perpassar fugitivo d'aquellas adoraveis memorias, morria-lhe o riso nos labios, e as lagrimas, perolas de fino quilate, vinham cahir-lhe no collo offegante e farto, como o das pombas de immaculada alvura.

N'essas horas melancolicas, dizia, Milagres, á santa e querida mãe:

— Olha que não quero ficar aqui, minha mamã, n'esta terra feia e selvagem. Os avôsinhos aguardam-me, e morreriam de dôr se eu não voltasse.

E contava as horas, os dias, os mezes, que faltavam para o almejado regresso ao torrão insular, onde vira, pela vez primeira, a luz do sol.

Um dia saiu de casa e foi, para a capital da provincia, assistir a uns espectaculos lyricos. Os paes viram-a seguir contente, mas sentiram-se mais saudosos que nunca, d'aquelle anjo bemfazejo, que punha uma nota alegre, primaveril, em tudo que a cercava.

Ella fôra mais vezes á capital, mas agora, por um negro presentimento, notavam mais a sua falta, parecera-lhes que se demorava muito.

Aguardavam novas, sobresaltados, impacientes. A tensão dos seus nervos não agourava cousa boa, e, receiosos, mandaram o filho á capital.

Elle, voltou contente, bem disposto, porque encontrara Milagres risonha, plena da mais florescente saude. Ella mesmo lhe mostrára uma *toilette* fresca e elegante, com que, dizia troçando:

— Ti prometto que metterei a um canto todas as *sinhasinhas* di cá.

Devia voltar o socego, a alegria, áquelle lar.

Pois não foi assim!

O presentimento não se affasta jámais da mente dos que amam e soffrem com a ausencia dos entes queridos. Parece que se grava e penetra na memoria, e alli fica, indelevelmente, até á realização dos funestos e agourados pensamentos.

Com os paes de Milagres, assim succedeu!

Chegou-lhes telegramma da capital, noti-

ciando-lhes que a filha se achava gravemente enferma.

Quizeram partir logo, agoniados, afflictos; mas o comboio seguira já, e só, no dia seguinte, havia transporte para a capital. Foi uma noite de martyrio, aquella; uma viagem de amarguras a do seguinte dia. E, durante o trajecto, que parecera prolongar-se indefinidamente, jámais se affastara, da sua mente sobresaltada, a nuvem negra, sombria, do funesto presentimento!

A pouco trecho haviam chegado. A casa que, d'antes, tivera um ar de festa, estava soturna, triste como um sarcofago. Não se notavam, alli, os ruidos da agitada labutação humana, que poem, em tudo, a nota vivaz, o tom sorridente do vaivem quotidiano.

Os pobres paes subiram celeres as vastas escadas da habitação. Tardava-lhes ver a sua adorada Milagres, o anjo bom do seu triste lar.

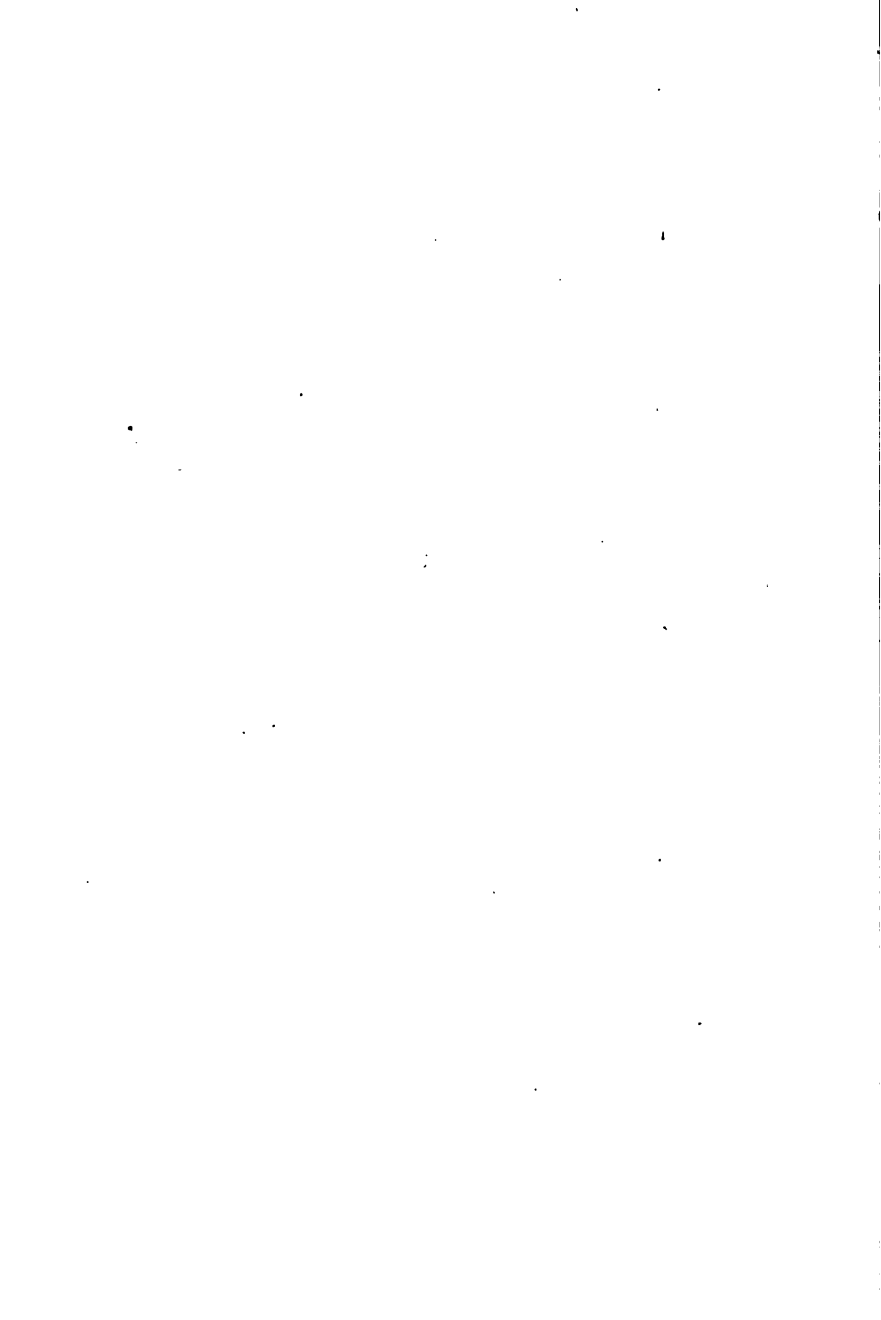
Procuraram-lhe o quarto habitual, mas não a encontraram n'elle.

No entanto, da sala, vinham uns murmurios confusos, como que o tom plangente de umas orações christãs.

Correram alli, e, ante o brilho de cem lumes e a côr viva e brilhante de mil flores, viram Milagres, a bella e encantadora creança, pallida, com os formosos olhos cerrados, dormindo o seu somno eterno.

Quando lh'a levaram, encerrada no esquife, placido e branco como a sua immaculada virgindade, olharam-se fixos, aterrados, e contemplaram, um no outro, as cans precoces, que lhes advieram d'aquella enorme dôr.

II

DE VESPERA

DE VESPERA

A J. F. Martins

Tinham acabado de lhe collocar na fronte pallida a symbolica e immaculada corôa de flores de larangeira. Os botões tersos, inanimados, punham uns tons desusados, frisantes, nas madeixas negras dos seus formosos cabellos. Parecia que uma chuva de perolas, aureolara, de constellações, o farto e negro cabello da gentilissima noiva. E as folhinhas escuras da grinalda destacavam-se, por entre o branco-mate das odoriferas flores, como outras tantas esmeraldas engastadas em precioso onyx.

Estava bem assim, aquelle corpo pequenino, a que se aconchegava, flacido, o *faille* côr das opalas. O vestido, em tunica, cingia-se ao seu corpo esculptural, e a longa e roçagante cauda,

que tomara com as mãos pequeninas, afiladas, tinha-a feito crescer mais um palmo ante o nosso raio visual, desacostumado de a ver em trage de cerimonia.

Sobre uma almofada preciosa, em velludo *grenat* e oiro, descansavam, —um vaporoso lenço de *point de Alençon*, umas luvas brancas, minusculas, um masso de cartas, atado com uma fita preta, e uns pequenos *bibelots* e dixes, lembranças, talvez, da sua risonha infancia.

O quarto de *toilette*, em que acabava de fazer o seu ultimo vestuario de virgem, jazia n'uma immensa desordem.

O leito, em *vieux-chene*, emoldurado, onde sonhara, na infancia, com anjos e cherubins, e....depois com loiros infanções e umas scenas de amor, um nadinha realista, tinha as roupas brancas revoltas, desmanteladas, como se um grande naufragio succedera alli. Ao centro, porem, sobre o lençol alvo, de neve, via-se, ainda, a configuração lubrica do corpo da *mignonne,* e na almofada, acercada de finos *guipures,* destacava-se o amachucado da sua fina e graciosa cabecinha.

No *toilette* commoda havia o mesmo desmazelo e desordem, e como que um pandemonio

de frascos de crystal e cosmeticos, d'onde se exhalavam os aromas d'umas essencias caras.

A um canto estava ainda a tina do banho, de que saía uma evaporação cheia de fragancias, estonteadoras, em que sobresaía o odor suave do opoponax; e, sobre a secretária, de pau santo, via-se um alto monte de pequenos bocados de papel, escripto por lettras varias, onde se colheriam, talvez, phrases dispersas de muito e encendrado amor, de doce e affectiva amisade.

Ellas, no entanto, as amigas da sua querida e saudosa infancia, davam os ultimos retoques na *toilette* primorosa e unica, que faz, da mulher virgem, como que uma madona, — um typo suave e etherio, a que só faltam umas azas niveas, para se librar nos páramos deliciosos e insondaveis do amor humano. E, cariciosas, aconchegavam-lhe aos formosos cabellos o vaporoso veu de tulle de seda, e pregavam, no *corsage* esternido, uns alfinetes pequeninos, que seriam, após a cerimonia do casamento, outros tantos augurios de felicidade para as amigas solteiras da scismadora noiva.

Uma d'ellas, de joelhos, arregaçava-lhe a tu-

nica de *faille*, tersa e murmurosa, e, sobre a meia de seda côr de carne, sob cujas malhas se divisava a mais appetitosa carnação, collocava a liga de velludo e prata, que descaira, cariciosa, até ao sapatinho breve e aberto, que ameigava, flacido, o seu pé de creança.

As outras, porem, depois de prestados os serviços especiosos, delicados, segredavam uns ditos picantes, galhofeiros, e cascalhavam, francamente, umas gargalhadas frescas, desentoadas, como os sons sibilantes d'uma flauta pastoril, tocada por inexperientes labios.

Lá fóra sentiam-se os rumores compassados e estridentes dos *landaus*, arreados *á la Daumont*, que, ante a luz da manhã, vinham aguardar o cortejo da noiva. Os cocheiros, hirtos e um pouco somnolentos, sopeavam, de mau humor, as parelhas irrequietas, saudosas da ração vespertina.

Nas casas do arruamento appareciam, abrindo a custo as janellas das habitações, umas caras femeninas, curiosas e enjoadas, onde Morpheu, o notivago, tinha posto uns tons pallidos, esgazeados, que se divisavam sob as toucas e lenços, desarranjados pelas fainas nocturnas.

E, no emtanto, o guarda nocturno, coberto, até aos olhos, pelo prussiano de mescla, encaminhava-se, apressado, a buscar, no lar domestico, o repouso preciso para uma noite mal dormida.

A' noiva tinham vestido as luvas de seis botões, em *peau de suède,* brancas como os arminhos, flacidas como a penugem d'um edredon. Os ultimos botões, que tocavam, quasi, o cotovelo ponteagudo e levemente moreno, foram, com esforço, cingidos nas casas miudinhas, pespontadas, causando, na polpa deliciosa d'aquelles braços firmes, uns estremecimentos nervosos, uns arrepios imperceptiveis.

Estava composta e bella como uma virgem de Murillo, pallida e enlanguescida como uma formosa peonia, descaida no hastil!

Dos olhos, semicerrados, fulgia essa luz quente e cariciosa, que promette, ao ente escolhido e feliz, as delicias e arroubos do setimo ceu, preconisado por Mafoma.

Em volta d'aquelles lumes escandescidos, divisavam-se, opulentos, os cilios espessos e negros, a velar, por vezes, o raio coruscante da pupilla esplendorosa: e, acercando os for-

mosissimos olhos, denotavam-se as escuras tintas, as sombras pronunciadoras de uma noite velada, a locubração constante e sonhadora d'essas regiões incognosciveis, em que ia penetrar após a cerimonia santa.

Aquillo era um mundo novo para ella, embora devassado, em parte, por leituras realistas, por confidencias illucidadoras, licenciosas mesmo.

Mas, por isso mesmo, arreceava e desejava, promiscuamente, a hora suave e terrivel de entrar n'essa região, um pouco desconhecida, em que levára a pensar muitas noites mal dormidas.

A realidade, em tal caso, era o seu supremo anhelo; e, assim, impaciente, batia, frenetica, com o pé breve no fofo tapete de quarto, por que não chegavam, consoante ao seu desejo, os restantes convidados, que tinham de assistir á cerimonia nupcial.

Rodaram na calçada da rua uns ultimos trens.

Trintanarios agaloados saltaram aos estribos e abriram, com estrepito, as portinholas dos carros, deixando passar, reverenciosos, uns sujeitos encasacados, correctos e aprumados como diplomatas em exercicio.

As salas encheram-se, pouco a pouco, emquanto lá dentro, a noiva, grave e chorosa, beijava, uma a uma, as amigas de infancia, que, risonhas, lhe agouravam mil felicidades, lhe segredavam uns ditos especiosos, galantes.

Por fim, á ultima, que se acercára triste e fôra mais estreitamente abraçada, dizia, a lacrimosa virgem:

— Não te esqueça, meu amor: entrega-lhe aquelle masso de cartas e recorda-lhe, sempre, o que te recomendei *de vespera.*

III

VICTORINA

VICTORINA

A Trajano Pereira.

A Victorina tinha um olhar casto, envergonhado, que baixava sempre para a botina irreprehensivel, pequenina, quando, qualquer rapaz petulante, a fitava persistente, cubiçoso.

Por demais, os cilios castanhos claros, que lhe opulentavam as palpebras longas, escondiam, aos gulosos da sua formosura, o brilho insinuante, que irradiava, a medo, a sua pupilla esplendorosa.

Envolta no chale garrido, com que as insulares costumam esconder as fórmas esbeltas, seguia, caminho da fonte, séria e bem posta, pensando, tão só, no cumprimento das obrigações quotidianas, inconsciente das admirações mudas, que lhe redopiavam em volta.

Por isso, os mais atrevidos da aldeia, não

ousavam fallar-lhe do amor que inspirava a sua figura gentil e do bom e fresco sorriso que lhe adejava, constantemente, nos labios breves e tumidos.

Era um gosto adoral-a de longe, tanto quanto permittia a sua innocente candura, o seu juvenil recato, pouco proprio, talvez, de umas bem sorridentes quinze primaveras.

Porque, mercê das modernas fórmas do progresso, até, nas aldeias mais sertanejas, sabem, as raparigas, aos doze annos, cousas que, ás suas bis-avós, só era permittido conhecer aos vinte, epoca em que saíam do aconchego do lar paterno, para irem levar calor e felicidade ao thalamo conjugal.

Ella, porém, a formosa Victorina, vivêra sempre entre gente temente a Deus, honestissima, qne não deixava, ás filhas pôrem pé em ramo verde, ouvirem, das companheiras da infancia, as conversas indiscretas, licenciosas mesmo, que transtornam, por vezes, as mais castas inclinações.

No emtanto, a Victorina, devia, para satisfazer ás leis naturaes, ver chegado o momento de sentir pulsar-lhe, desusadamente, o coração

no peito; a hora, abençoada ou maldita, de se entregar ás inebriantes doçuras do amor, esse terrivel e absoluto senhor dos nossos destinos, que, ora nos conduz á terra da promissão, ora ao transviado e perigoso caminho das mais desoladoras angustias.

Para um coração, perfeitamente virgem, ha, no primeiro amor, como que a exploração e descoberta de novos e desconhecidos mundos. Vae-se, com os olhos cerrados, inconscientemente, em procura d'umas sendas cobertas de flôres odoriferas que nos estontêam o espirito, fazendo calar, pouco a pouco, a voz imperiosa da razão.

Com Victorina, porém, não devia succeder assim. Casta e pura como um lirio santo, podia ser bafejada pelo escandescente e voluptuoso halito da paixão, mas só vêr raiar, no horisonte da sua formosa juventude, a encantadora e poetica aurora de um primeiro e immaculado amor.

Ia-se, então, em meiado do mez das flôres. Tinham decorrido as seis primeiras semanas do Espirito Santo, essa epoca de animados folgares e muita caridade, que faz, dos açorea-

nos, o povo mais jovial e misericordioso do mundo.

Chegara o sabado da Trindade, e em casa do *imperadôr*, que no dia seguinte devia coroar na singela egreja da aldeia, bailava-se o popular e arrastado *charamba*. A viola gemia os tons dolentes da *saudade*, e uma voz de rapariga, pura e extensa como a de um soprano absoluto, cantava:

Saudade, terna saudade,
Emblema do meu viver;
Companheira da minh'alma
Só morres, quando eu morrer.»

Victorina, sentada ao lado do throno florido e illuminado, onde se adorava a formosa corôa de prata, que representa a terceira pessoa da trindade santissima, olhava, indifferente, para o folgar das companheiras, para os requebros e galanteios que se trocavam no *bailho*.

As outras, menos formosas do que ella, tinham os seus requestados, e viviam da festa e para a festa. Tudo lhes sorria alli: as flôres, os lumes, a musica, e, mais que tudo, essas palavras ternas, murmuradas de mansinho, coan-

do-se, em dôces harmonias, nos ouvidos curiosos, mas discretos, das frescas aldeãs.

Só a Victorina, aquella perola do *logar*, se não rendia ás trovas, que, com intenção apaixonada, lhe dirigiam os *pimpões* da terra. Nenhum, por mais expressiva e magoada que fosse a *cantiga*, lhe soubera falar ao coração, virgem e puro como o de seus irmãos, — os anjos.

O *charamba* tocava o seu fim.

As violas, na cosinha da casa, eram afinadas pelos *mestres*, e já n'ellas se preludiava a ultima *moda* — a *sapateia*. As raparigas, na casa do meio, eram servidas dos peculiares *bolos de vespera*, e do saboroso e transparente vinho dos Castelletes.

N'este comenos bateram á grade do terreiro e o *Jarrusco*, o velho podengo, ladrou furioso. O *imperador* deixou de servir os convidados e foi ver quem era. A pouco trecho voltou, acompanhado d'um rapaz novo, moreno, que, sobre o trajo domingueiro, trazia uma *banza* de pau do Brazil. Era mais um mestre que chegava ao *bailho*.

Uma alegria para as bailadeiras, e, tambem,

um enlevo de olhos para as mais formosas, porque o rapaz, de novo chegado, era perfeito e desempenado como um alamo novo.

Os pares seguiam o seu giro na *sapateia*. O novo *tocador*, no entanto, conquistava as sympathias de todos, porque nenhum, com mais desgarre e primor, dedilhava as cordas da viola, ora fazendo a primeira parte, ora os acompanhamentos.

Depois, quando soltou a voz fresca e bem timbrada, cantando, meigamente:

> «Adeus, campos, adeus valles,
> Adeus alegres pastores;
> Adeus, para nunca mais;
> Adeus, para sempre, amores.»

todas as raparigas o fitaram, commovidas, e até mesmo Victorina, a indifferente, se sentiu docemente emocionada.

Elle tambem, o novo *tocador*, como que influenciado por uma corrente magnetica, reparou, pela vez primeira, na formosa Victorina, e, d'ahi em diante, não mais procurou a luz de outros olhos, porque, nos d'ella, deixára,

todo inteiro, o seu coração sensivel e corajoso.

E assim, n'aquella hora predestinada, se consorciaram, eternamente, aquellas duas almas namoradas e castas, talhadas, desde a infancia, para pertencerem uma á outra.

Os rapazes, porém, não viram, com bons olhos, a preferencia dada ao forasteiro pela cachopa mais formosa da aldeia. Falavam baixo, uns com os outros, olhando arrevezados, furiosos, para aquelle que lhes viera captivar Victorina. Formavam-se conciliabulos mysteriosos, emquanto, ao centro da casa, se dansava, alegremente, a *chamarrita*.

Os dois só se viam um ao outro. Só pensavam na felicidade presente, e no futuro que, de momento, haviam combinado. Projectavam umas santas alegrias, prelibadas n'um lar muito comesinho e pobre, mas farto dos gosos da mais serena e risonha paz. E' isto assim, nas aldeias, onde, por falta de conveniencias diplomaticas, se diz o que vem aos labios, serena e rudemente.

Os felizes, comtudo, não adivinhavam a borrasca que, de perto, os ameaçava. As invejas accumulavam-se, como vasos de fel, plena-

mente cheios, nos corações rudes, indelicados, dos companheiros da festa.

Pouco depois concluia-se o *bailho*, e saiam, furto a furto, os festeiros da terra.

O *tocador* forasteiro, seguiu-os após, descansado, feliz.

Eram horas mortas da noite, e lá fóra, na *canada*, havia um negrume de metter os olhos dentro.

De repente surgiram, proximo das paredes do caminho, uns tantos vultos, acobertados pelas jaquetas de panno da terra. Nas trevas da noite luziram uns varapaus, e o *tocador* cahiu por terra, exanime, sem vida!

Quando Victorina seguia, com os seus, caminho de casa, tropeçou n'um vulto escuro, que jazia, inanimado, no centro da *canada*.

Soltou, assustada, um grande grito, a que acudiram os da familia. Accendeu-se uma lanterna, e á sua luz, baça e minguada, viram o *tocador* exanime, de olhos abertos e sem luz, com a cabeça partida, escancarada, d'onde corria um enorme fio de sangue. Estava morto!

E ainda hoje, passados alguns annos, se vê a Victorina, com os formosos cabellos casta-

nhos claros, soltos ao sabor do vento, passear nas alterosas rochas que cercam uma das ilhas dos Açores, cantando, com voz magoada e dolente:

«Saudade, terna saudade,
Emblema do meu viver;
Companheira da minh'alma
Só morres, quando eu morrer.»

IV

NO INTIMO

NO INTIMO

A José Tristão de Bettencourt.

Elle viera contar-me, ainda tremulo de goso, estas scenas realistas do seu primeiro amor:

«Faziam-me mal aquelles beijos!

Coava-se-me nas veias um fogo lento, perduravel, como se me tivessem injectado todo um caudal de volupias. A sensação tornava-se mais intensa, á medida que ella, collando nos meus seus labios tumidos, demorava a suave pressão, parecendo querer embeber-se toda em mim. Abrasavam-se-me os sentidos, embora, de instante a instante, me perpassassem, pela medula, uns arrepios, umas contracções tetanicas. Ora me vinham, ás extremidades, umas friezas cortantes, geladas; ora uns calores ex-

cessivos, ardentes, como se o corpo, a nu, estivesse exposto ao pino do sol em dia de agosto.

Ella, parecendo conhecer o meu mal estar, aggravava, com a luz intensa do olhar, a minha intermittente situação. Gosava, ao sentir que os seus olhos negros, franjados de compridas franças, me punham para alli, alquebrado, tremulo, como se me acommettessem umas febres palustres. A luz, então, cahia cheia de fulgores e de promessas calidas nos meus olhos fascinados, languidos e como que espantados de tamanha ventura.

Aquecia-me o seu olhar e dominava, todo o meu ser, aquelle raio visual, que, ora tinha relampagos de paixão a fuzilarem na pupila esplendorosa, imperativa; ora se velava langoroso, esmaecido, como se o empanasse a sombra do meu vulto, enroscado ao seu collo de creança, pequenino mas promettedor.

Ficava-se assim, quieta, morna, n'um silencio prolongado, que me inquietava mais que a sua loquacidade costumada, causticante. Se não fôra o ligeiro fremir dos labios e o brilho intenso do olhar, dir-se-hia que me cahira nos braços alguma estatua de Niobe, descida do pedestal de porphyro

Os braços compridos, magros, mas tersos, enroscavam-se-me em volta do tronco, pondo-me um brando e suave calor nos pontos em que tocavam; emquanto que as mãos, afiladas, breves, se cingiam uma á outra no quietismo da forte pressão.

O collo arfava, brando, sobre o meu peito, parecendo ondular de encontro a mim, como as ondas mansas, que se embatem, por tardes de estio, nas estações balneares das nossas ilhas.

Do alto dos pequeninos pomos, vedados por frescas roupas, partia o magico influxo, a chamma latente que me queimava o sangue. Era aquelle o ponto culminante do meu anceio, a fonte perenne, onde bebêra, sem saciar-me, o capitozo vinho da paixão. Tresloucava-me a palpitação egual, methodica, d'aquelle seio mal desenvolvido, mas pleno d'umas proximas promessas doidas, de uns gosos unicos.

No entanto, o resto do corpo, franzino, em miniatura, descahia, indolente, sobre o meu tronco; e os pés, calçados por umas botinas minusculas, batiam, ora o espaço, ora de encontro aos meus joelhos tremulos, convulsionados.

E assim passavamos momentos que, pareceram seculos, pelo demorado do goso, e

instantes, pela insaciabilidade dos meus desejos.

Era uma creança, comtudo!

Estava, verdade é, em plena juventude, na edade em que o coração sente, pelo crébro das palpitações, approximar-se o momento critico, fatal. Os seus olhos, grandes, fundos como um abysmo, já tinham proferido a palavra unica, que se chama amor. O veu das lagrimas já os tinha ensombrado, mais de uma vez, das caligens densas e amáras, que trazem a contrariedade mal soffrida, o dissabor inesperado.

Se o corpo era pequenino; se as formas se esboçavam ainda n'umas meias tintas; havia, além, nos recessos do seu peito, o fogo convulsionado d'uma cratéra em ebulição, a chamma, quasi a irromper, d'uma paixão immensa, ardente, como a sua cutis fusca, beijada, ao que parecia, pelo sol da Africa adusta.

Quando se apartava dos meus braços, n'um movimento rapido, abrupto, semicerravam-se-lhe os olhos negros, e adejavam-lhe, nos labios tremulos, uns fremitos de doce e encantadora volupia.

Depois, se eu a fitava a fundo, voltava a

vista velada para o outro ponto do jardim, onde se beijavam, cheios de meiguice e de ternura, dois pombos cinzentos, com as azas pretas, luzidias, como as pennas de um corvo. Então, fugindo áquella scena de amor, refugiava-se detraz das madre-silvas e heras, que ornavam, com os seus tons verdes e luxuriantes, os muros d'aquelle jardim pequenino e feiticeiro, de que ella era a formosissima Armida.

Levava-a, para aquelle recesso de verdura e aromas, o rubor que lhe incendia as faces ; e de lá, ainda, atirava-me uns beijos loucos, continuados, que me enlouqueciam tanto ou mais de que se m'os applicára, férvidos, sobre os meus labios gulosos, insaciaveis. E, d'aquella moldura original, verde-negra, em que se destacavam as cores amarello-rosadas das flores odoriferas das madresilvas, apparecia, como a *principe negro*, o seu rosto fresco, suavissimo.

Quedava-se por muito tempo, n'aquella moita florida; e quando eu, fugindo ao assombro em que me lançava aquelle quadro especial, *sui-generis*, me atrevia a approximar-me do seu recinto oloroso; ella, radiante mas calma, voltava a cahir-me nos braços, a ungir-me os labios com o balsamo dos seus beijos, a fascinar-

me com a luz intensa dos seus olhos formosissimos.

E eu, pobre de mim, no goso d'aquellas caricias calidas, esquecia o mundo e os meus pesares, pedindo ao sol, como Josué, que sustasse a sua carreira, para saborear, em um dia longo, immenso, o praser divino que me traziam os seus beijos de fogo.»

V

JUDITH

JUDITH

A JUDITH DESLANDES.

Não era a mulher forte da escriptura, a destemida filha de Israel, que, para salvar o povo opprimido, sacou do alfange ao general inimigo, e *tout d'un coup,* lhe decepou a cabeça, onde fervilhavam ideias guerreiras e pensamentos de amor.

Esta, se não tivera visto a luz do dia sob o sol quente da nossa formosa Estremadura, dir-se-ia que nascera por entre as brumas da decantada Escocia, tanto lhe feria a face o branco-mate dos gelos das regiões do norte,tanto se aloiravam as tranças com os tons suaves das espigas maduras. O azul, que se reflectia, brando, nos seus olhos de saphira, tinha essa

côr especial e unica dos mares que banham as insulas britanicas, e parecia que, a luz cerulea e meiga, a irradiar das pupillas, deixava vêr, a fundo, o pensamento que lhe vínha da alma, bem como o lago tranquillo nos mostra, ao vogar das barcas, os mysteriosos recessos do seu leito de escombros.

Não havia um senão n'aquelle rosto singelo, purissimo, onde se accumulavam todas as graças, todos os esplendores de umas dezoito formosissimas primaveras. E se havia que dizer do seu corpo esbelto, burilado por Phydias, ou outro maximo esculptor da antiga Grecia — era o ser n'ella tudo pequenino, minusculo, mas tão bem conformado, que debalde se procurariam disparidades nos suaves e bellos contornos do seu corpo gentilissimo.

Lá, n'aquella cidade, que corôa, como ninho de aguias, a elevada montanha, — chamavam-lhe o *bijou* scalabitano, a perola da antiga praça mourisca.

Todos lhe queriam, pelos raros dotes da belleza, espalhados, a esmo, no seu corpo *mignon*; mas, ainda mais pela ingenita bondade do seu coração, talhado em moldes diamantinos, puro e brilhante como a luz suavissima que, d'entre

os cilios de oiro, fulgia, a flux, do seu olhar candido, encantador.

A sua vida correra placida e risonha, como o seu sorriso de oiro. Nenhuma nuvem empanára, até alli, o horisonte sereno e calmo d'umas bem gosadas primaveras, em que se fizera, sem esforço, a transição rapida d'uma meninice encantadora para uma puericia plena de belleza florida e olorosa como um rosal de Alexandria.

Nem mesmo o amor ousara, até então, perturbar os seus sonhos de virgem, fazer palpitar, de leve, aquelle coração desassombrado, jovial como o riso de uma creança.

Um riacho de aguas purissimas, a deslisar, de mansinho, por entre umas ribas verdes e sinuosas, seria o emblema verdadeiro da sua placida e fagueira existencia; e, as aguas crystallinas da murmurosa corrente, semelhar-se-iam á castissima pureza de tão formosissimo corpo, como ao angelical pudor do seu bondoso espirito.

Se fôra uma realidade o paraiso de Mahomet, e eu crente d'aquella religião absurda, mas ideal, iria em piedosa romaria a Meca pedir ao grande reformador arabico que, na minha pe-

regrinação d'além tumulo, me desse a suprema consolação de povoar o famigerado logar de delicias, com uma unica huri, — ella, a formosa e candida Judith, a perola scalabitana! Assim o paraiso de Mafoma, seria, quanto a mim, o verdadeiro setimo ceu, preconizado e cubiçado pelos crentes do Alcorão.

Um dia caíra a desgraça sobre a minha pobre habitação. Se até alli se não fizera luz no pequenino horisonte do meu triste lar; se a felicidade não ousára bater-me á porta e proporcionar-me de longe em longe, uma das suas graças mais comesinhas; o infortunio, por bastas vezes, fôra sentar-se á minha frugal e parca mesa, fazendo com que, o *pão nosso de cada dia*, se misturasse ás lagrimas amaras e cruas, e, dando-me, assim, não um manjar de spartano, mas um alimento de desgraçado.

N'aquelle dia, porem, a desventura fôra muito maior; calára mais intimamente. O meu braço direito, aquelle que me ganhava, dia a dia, o pão quotidiano, caíra como que ferido de raio; ficára inerte e inutilisado, sem poder prestar ao meu combalido corpo o auxilio tão essencial para a labutação diaria.

Fez-se, então, uma grande noite no meu espirito! Andava alheiado das pequenas miserias do mundo e circumscripto ao curtissimo espaço em que volteava, opaca, a minha imaginação doente. As scenas importantes da minha passada existencia transmudavam-se como n'um kaleidoscopio immenso, e ora me traziam aos labios uns pallidos sorrisos, ora me avincavam a fronte das rugas presagiadoras de pensamentos tetricos, N'esta terrivel dualidade vivia a minha alma, emquanto que o corpo, massa fria e inerte, jazia dormente no seu leito de dores.

A Providencia, comtudo, velava por mim, e trazia-me sem cessar, umas consolações unicas, umas melhoras progressivas.

A vida começava de novo a sorrir-me e eu via, plenamente feliz, acercarem-se do meu leito uns entes queridos, que mal divisára, dias antes, por entre as brumas dos meus sonhos febris.

Como a fabulosa Phenix, restauravam-se-me as forças ao calor brando e suave dos cariciosos affagos da familia, que velára, angustiosa, pela minha existencia em perigo, e se expandia em jubilos, ante a minha extraordinaria ressurreição.

De longe, mesmo, me chegavam uma felicitações carínhosas, que eram um balsamo santo para o meu attribulado espirito, senão o remedio efficaz para os soffrimentos physicos.

E, assim, já longe do leito de dores, eu ia, pouco a pouco, adquirindo as forças necessarias para arrastar o corpo, ainda sujeito á terrivel hemiplegia que de pouco o accommettera.

Levaram-me então a convalescer para a ditosa patria de Judith.

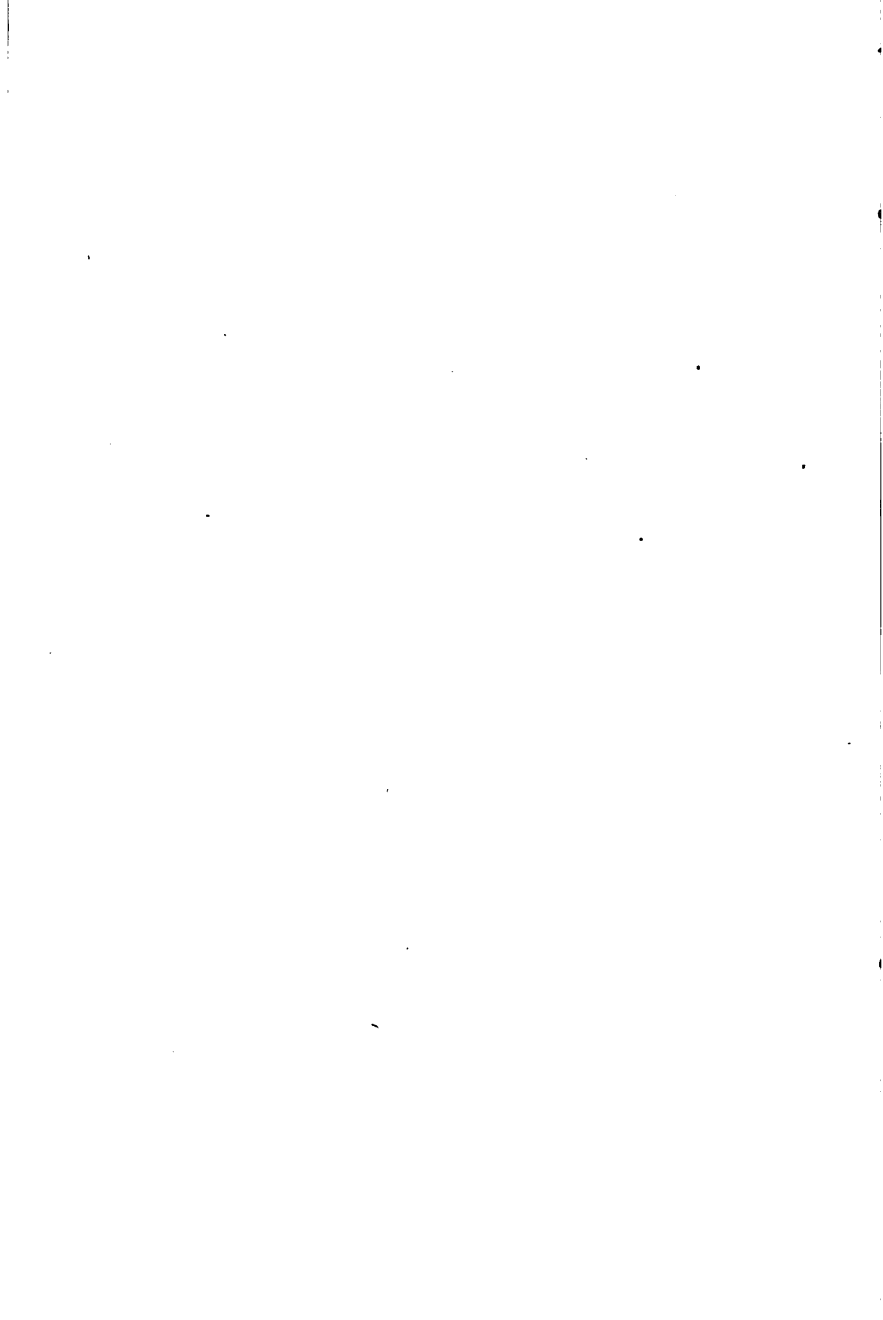
Alli, nos ares puros e rarefeitos da notavel praça mourisca, foi caminhando, progressiva e radicalmente, a minha mal agourada cura.

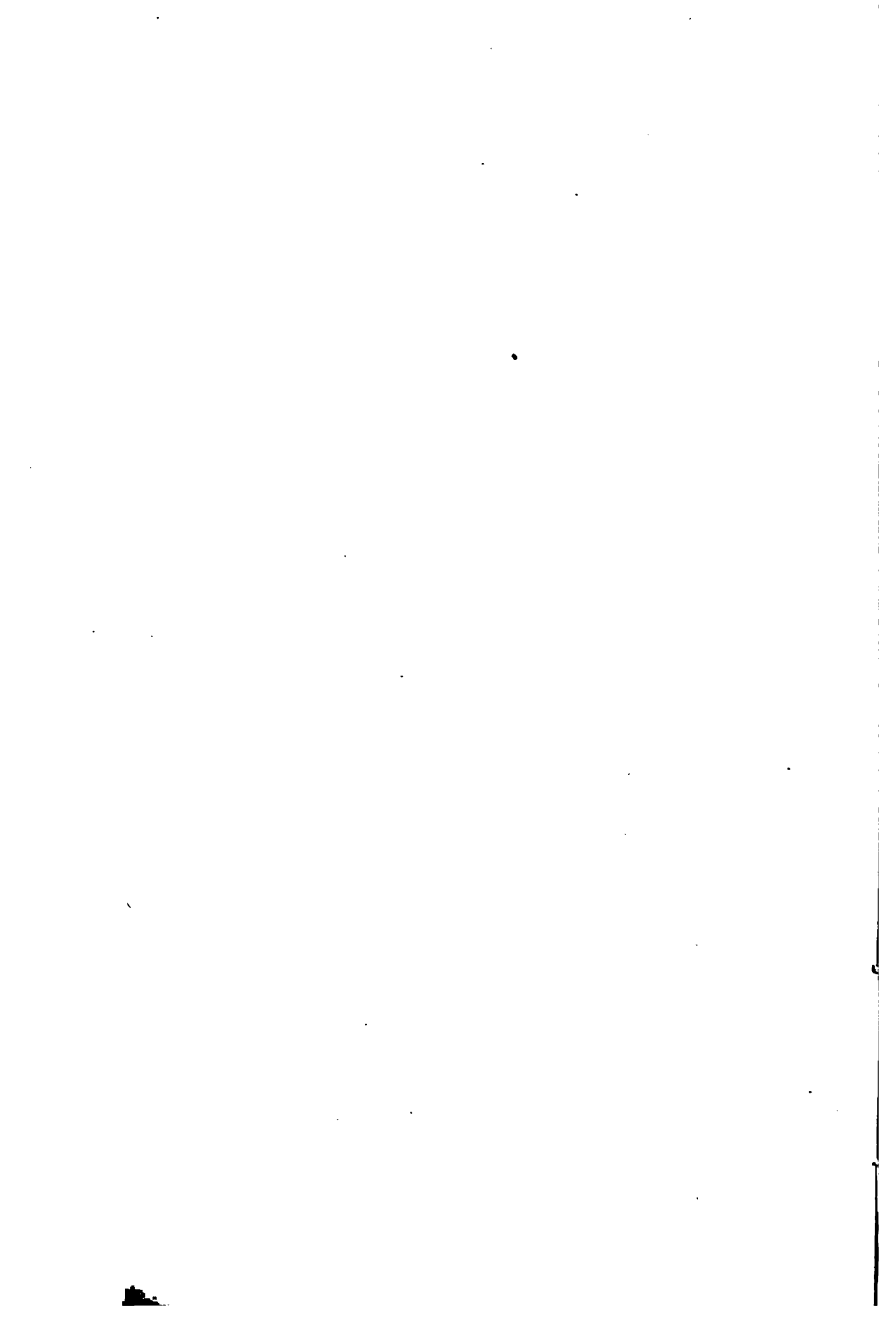
Aos effeitos da deslocação de terra, a attribuiam uns; ao tratamento pela electricidade outros; ao agasalho e carinho d'um lar fraterno, a maior parte.

Não sabiam, porem, os demais, que, perto de mim, existia um anjo de bondade e carinho, uma formosissima virgem, a velar, sollicita e meiga, pelo pobre enfermo.

Não sabiam talvez que, mal chegada a noite, se encontrava de joelhos junta ao leito, alvo e puro como a sua immaculada candura, a perola scalabitana, e que d'alli, em prece fervorosa, se

elevavam, ao throno da divindade. umas castas supplicas pelo mal conhecido doente, de quem se condoêra, enternecida e boa, a mais bella e candida filha da famosa *Scalabis* dos romanos.

Pois se o souberam, sentiriam, como eu sinto agorá, correrem-me em fio as lagrimas da mais suave gratidão, ao pensar que, das preces puras d'um anjo de Deus envolto no mais formoso involucro terrestre, me adveio, venturoso, a força necessaria, para poder, agora, engrandecel-a e veneral-a, como se veneram, na terra, as imagens sagradas das santas filhas do Senhor.

VI

INICIAÇÃO

INICIAÇÃO

A Nicolau Bettencourt

Mal imaginam vocês como ella me surgiu triste, desolada, n'aquella calma tarde d'agosto, — disse Arthur, enterrado no *fauteuil*, entre um gole de *cognac* e o fumo d'um *londres escuro*. — Não fui eu que a iniciei, não! Outro, mais feliz, se me adiantou no caminho.

— Pois conta, — dissemos.

— Ahi vae.

«A impressão fôra dolorosa!

Deixára um rasto de lagrimas n'aquellas faces avelludadas, onde o brilhante sol dos Açores tinha posto uns tons morenos e calidos, como os sabia copiar na tela o famoso Murillo. Mas, ainda assim, a luz dos seus olhos escuros brilhava, a flux, d'entre os cilios espessos, compa-

ctos, como as franças de verde-negro pinheiral. Apenas se lhe cavaram, um pouco, as fundas olheiras, pondo-lhe umas meias tintas negras, esbatidas, em que sobresaía, — a vivo — o intenso brilho das esplendorosas pupillas.

Eu, estava para alli, quedo, absorto. queimando-me no fogo dos seus olhos, sentindo subir-me ao rosto o sangue congestionado, ardentissimo, e perpassar-me, pelo corpo tremulo, um arrepio de immenso goso.

E ninguem, por mais enervado que tivesse o corpo e o espirito, poderia furtar-se á attracção magnetica do seu olhar feiticeiro, ao imperio que emanava da sua ardente compleição.

As sereias, tão poeticamente ideadas pelos evos, para perderem, com a melodia do canto e com a gentileza das formas os destemidos nautas gregos, não teriam, por certo, voz mais pastosa, formosura tão excepcional e radiante, como aquella mulher, que me apparecia triste, alheiada do mundo, concentrada n'uma dôr profunda, lancinante.

Parecia vir para mim, apathica, muda, sem vêr nem ouvir.

Se lhe coroassem a fronte, gentil e pequenina,

com umas madeixas louras, encendradas como o trigo maduro, dir-se-ía que uma das virgens de Ossian baixara d'entre as nuvens doiradas do paiz dos gelos, e passára, arrastando a chlamyde côr das cecens, sem tocar o immundo pó da terra.

Mas, no seu rosto, queimado pelo sol insular, nada havia das ethereas visões que surgiam nas regiões do norte, que povoavam os sonhos dos antigos bardos.

Alli, sentia-se que o sangue luzo-arabe lhe pozera calor escandescente na pelle morena, como a das ciganas, embaciada, como a das desterradas filhas dc Israel.

Palpitavam os desejos nos seus labios finos e as narinas, em constante temulencia, davam o tom da sua naturesa apaixonada, concupiscente.

Depois, quando o raio do olhar se fitava brilhante sobre nós, sentia-se. a fundo,como que a descarga d'uma pilha voltaica, e ficava se alquebrado, tremulo, ante a fixidez luminosa que espargia o negro esmalte dos seus olhos de fogo. E, distanciado o ponto de attracção, ainda assim a imagem do seu vulto de Phryné, ficava como que insculpido, a ferro em brasa, na nossa mente maravilhada.

Quem uma vez a visse jamais a poderia olvidar!

No entanto fôra bem dolorosa a impressão, e o resquicio das lagrimas vincara-lhe as faces, cavando-lhe um sulco reentrante e indelevel.

Se não fôra a exuberancia da mocidade, a transpirar nas linhas suaves, mas indecisas, do seu todo de Dêa, dir-se-ía que o fogo da paixão pozera um grande estadio entre a sua qualidade de virgem, e a transposição rapida, instantanea, para a vida de mulher e amante.

E' que, embora, como ao templo de Salomão, se não tivesse rasgado o casto veu da sua pureza, o anjo da volupia roçára, ao de leve, as azas febricitantes pela fronte inconsciente da pudica vestal. E, onde tocou o fogo da paixão, nasceu, insaciavel, o purulento desejo, a ancia de novos e saborosos gosos. Porque, a vida humana, mercê da sua contingente natureza, não é mais do que a insaciabilidade personificada, a cubiça, nunca saciada, o anhelo vehemente do que nos está fóra de mão.

Ella, porem, não tinha percorrido ainda os

transviados e dolorosos caminhos da vida amarga e crua.

Traçara, com o pé pequenino e breve, o relvado e florido trilho que, da meninice, conduz á deliciosa edade primaveril. Não encontrára sinuosidades na estrada amena e lisa que, até alli, se antepozera a seus passos.

E' um perfeito vergel este delicioso caminho da vida, quando a esperança nos sorri e a mocidade nos alenta e vigora!

Como comprehender, pois, a dôr que annuviava o seu formoso semblante, a magua que a fazia vir até mim, transtornada, pallida, com aquelles bellissimos olhos empanados pelo orvalho das lagrimas?

Mysterio!

E como sondar o coração da mulher, essa esphinge impenetravel, que se furta, sem cessar, ao olhar mais frio e penetrante?

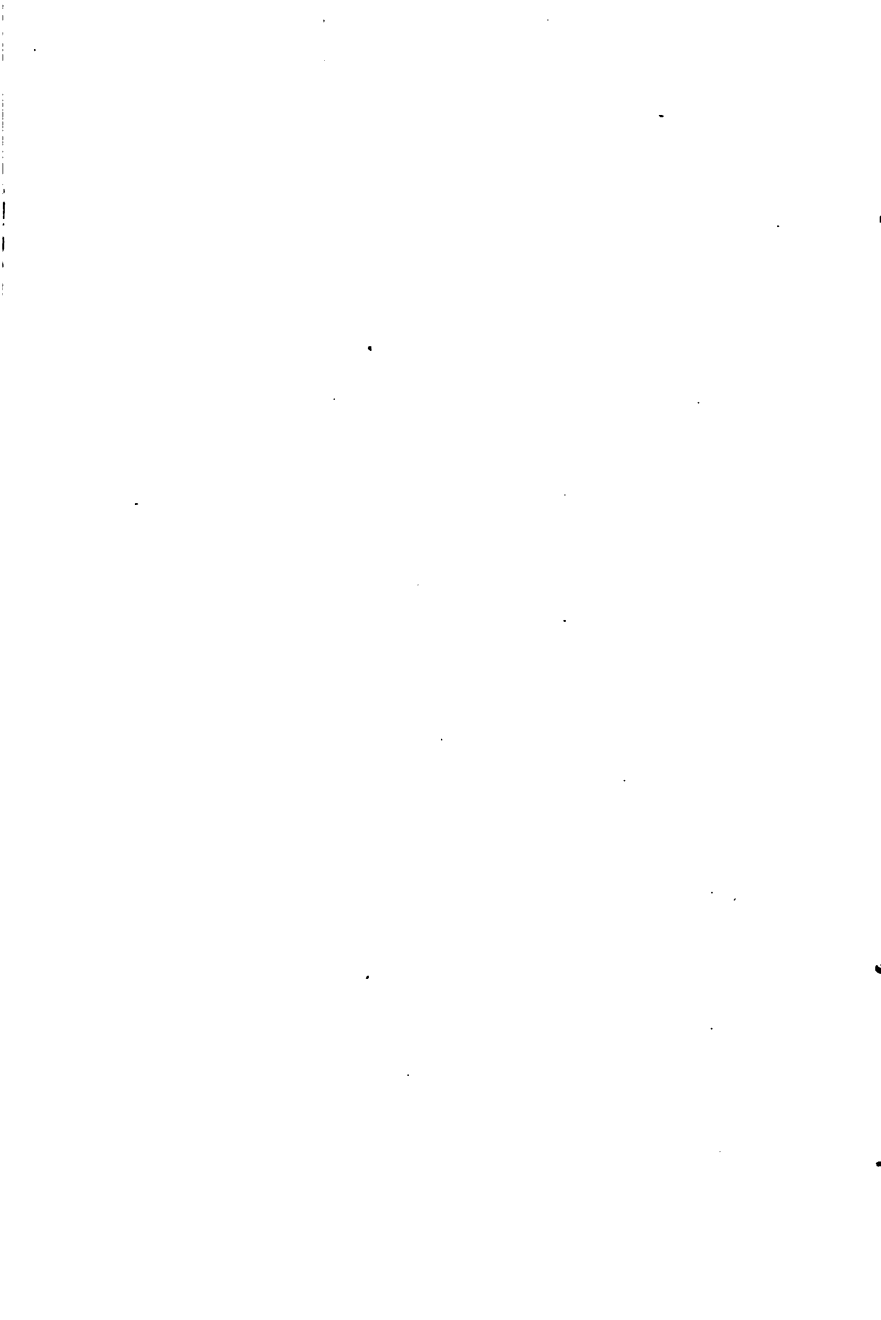
Impossivel!

Mas, ainda assim, ou porque a sua dôr precisasse expandir-se, desabafar n'um peito amigo; ou porque, graças á sua notavel percepção, conhecêra em mim um escravo dos seus desejos, — a esphinge abriu os labios, a Galathêa animou-se com o fogo das minhas palavras, e o

precioso cofre do seu coração, fechado com as chaves symbolicas, deixou escapar, a medo, o terrivel segredo da sua immensa dôr, do pezar que, tão fundo. a amargurava.

— *Elle*, o petulante galan, com quem trocára a primeira palavra de amor, ousára, temerario. roubar-lhe um beijo de fogo; inicial-a, virgem, na vida de mulher e amante.»

VII

ROSARIA

ROSARIA

A ALVARO BOTELHO

Rosaria era uma pobre rapariga.

O pae, o Manuel Mendes, fôra ferido por um *ar*, e jazia, dia e noute, ao canto da lareira, com a bocca torcida, a fala balbuciante, e o braço e perna direita descaídos, inertes, como se os assombrara o fogo de um raio.

A mãe, essa mal ouvira os doces vagidos da sua filha pequenina, tenra, quando uma febre puerperal, a levára, dois dias após o parto, a repousar no modesto cemiterio da aldeia.

Assim, Rosaria, não tivera, desde a meninice, esses cuidados e affagos, proprios de uma terna mãe, que nada ha a substituil-os n'este mundo de Deus.

O Mendes que, a esse tempo, era robusto e valido, destacára, do seu pequeno rebanho, a

cabra mais formosa e pujante, e fôra essa a ama de leite da pequenina Rosaria.

Quando os trabalhos do campo o chamavam a grangear o pão de cada dia, Manuel Mendes deixáva, junto ao berço, a mãe adoptiva. e, de guarda aos dois, o Farrusco, um pobre cão rafeiro, que tão bem lhe guardava a casa, como se fôra elle proprio.

Voltava, á noite, extenuado da canceira do dia; mas. ao encontrar a pequerrucha bem alimentada, fresca, sadia agradecia reconhecido á Providencia Divina, e passava horas esquecidas na contemplação d'aquelle rosto infantil, que lhe fazia lembrar, de quando em quando, a doce e meiga companheira, que tão cedo perdera.

Depois, passados annos, e já quando Rosaria começava a andar, houve uma caridosa creatura que lhe tomou conta da pequena. Fôra a Maria Joaquina, a irmã do sr. vigario, que dava aula de primeiras letras, em uma casa junto á egreja, pertencente ao passal do parocho, o padre João Guilherme.

Alli, debaixo do influxo d'aquella alma caridosa e temente a Deus, foi desabrochando a florinha agreste, a quem faltára, desde a mais

tenra idade, a caricia maternal, o calor vivificante, que nos insuffla, nos labios, o beijo carinhoso e santo de uma doce mãe.

Mas, mercê de Deus, se á senhora mestra faltára o dom sublime da maternidade, havia, no seu coração, tão grande porção de ternura, que Rosaria, a orphã, teve n'elle farto quinhão, senão a primasia.

E era tão notavel a selecção, que, na escola, as companheiras de Rosaria, mais crescidas do que ella, verdade é, mordiam-se de inveja, ralavam-se, ao vêr como a senhora mestra cuidava e enchia de mimos a pequenina aldeã.

A's vezes, a Felicidade, a que fôra apanhada na roda, dizia, para as outras, rubra de colera:

—E' a fidalguinha da freguezia, não vos parece? Não ha mimos que a tia Maria Joaquina lhe não faça. E para nós...baila a menina de cinco olhos, que é um gosto.

—Não, que até a senhora mestra lhe mandou vir fato da cidade, dizia, com inveja, a Josepha, a filha do brazileiro Coelho, o proprietario mais rico do sitio, mas o mais avarento tambem.

E assim, n'estas e n'outras conversas, continuavam, as pequenas maldizentes, a ralhar da

pobre Rosaria, a filha do Mendes,—um homem que não tinha onde caír morto,—diziam.

A creança, no entanto crescia, fazia-se mulher.

Com a boa irmã do sr. vigario aprendera, não só o pouco que ella sabia d'umas rudes noções da lingua patria, mas o muito da vida caseira, de lavradora, em que a senhora mestra dera sota e az ás mais sabidas da povoação.

Depois, com o crescer da idade, viera o aformoseamento do corpo, e, mais d'um pimpão do logar parava, boquiaberto, pasmado, ante o todo donáiroso da encantadora Rosaria

Aos domingos, depois da missa do dia, saía a Rosaria a passeio com o pae, desvanecido com a belleza da filha, orgulhoso por a trazer a seu lado, tão guapa, tão cheia de vida e de sadias côres.

Ao entrarem a pobre choupana, a ultima do caminho das Fontes, saía-lhes, ao portal, o tropego Farrusco, o velho rafeiro que servira de guarda fiel á pequenina Rosaria; e, então, eram de vêr as festas reciprocas com que, um e outro, se pagavam das saudades de oito dias.

Depois, Rosaria, entrando a pobre habitação,

ia beijar, sobre o catre do pae, o ramo de alecrim bento, que aspergira a agua sagrada sobre o esquife da sua desditosa mãe.

E d'ahi, até ás ave-marias, em que o Mendes a levava para casa da sr.ª mestra, falavam os dois, constantemente, da pobre e saudosa morta, que, tão cedo, os deixara a sós, sem conforto. penarem as dores da mais pungente saudade.

E quem então, curioso. olhasse ao postigo da choupana isolada, veria, pae e filha, de mãos enlaçadas, tristes e como alheiados do mundo deixando cair, pelas faces, lagrimas perennes, silenciosas. E, aos pés dos dois, mirando-os com um olhar terno, languido, o Farrusco, que parecia compartilhar, compreender, aquella dor sentida, lancinante.

Um dia, o Mendes. fôra, com outros, levantar linhos dos lagos

Eram sete horas da manhã quando principiara a faina, mettidos em agua até á cintura.

O sol, durante todo o dia, dardejára os seus ardentes raios sobre as frontes dos pobres jornaleiros.

Quando açabou a lida era quasi sol posto;

e o Mendes entrou só. estafado, na triste habitação.

Dormiu mal, com somnos curtos, sobresaltados.

Toda a noite sonhou com a sua querida morta, em sonhos afflictos, pesados.

Ao outro dia não se levantou bom; mas como ia trabalhar na horta do passal, proximo da sua pequena, fez da fraqueza forças, e foi.

Ao começar o trabalho, quando mal tinha cavado um rego, cahiu por terra, examine, como morto.

Rosaria, que estivera da janella do passal contemplando o trabalho do pae, soltou um grito forte, afflictivo, e sahiu, offegante, para a horta.

Acudiram aos lamentos da desgraçada, e trouxeram, para a habitação do sr. vigario, os dois, ambos sem sentidos.

Mestre Manuel, o sapateiro da aldeia, e o mais famoso curandeiro de dez leguas em redor, accorreu aos brados, arrastando, com difficuldade, as deformadas pernas. Acercou-se do Mendes, tomou-lhe um dos braços, arregaçou-lhe a manga e fez-lhe, com a lanceta, uma leve incisura no sangradouro. Appareceu, na epider-

me, uma pequena gotta de sangue negro, espesso, como coagolado. Mestre Manoel franziu a testa, e imprimiu á cabeça, uma rotação negativa, agoirenta. Mas, em seguida, comprimindo, ao doente, o grosso do braço, o sangue espadanou, correu em bica, e o Mendes abriu os olhos. Estava salvo, o homem!

Mestre Manoel lançou, por sobre a turba attenta, pasmada, um olhar triumphante glorioso. Revia-se no seu milagre, n'aquella prova decisiva, que levaria a sua fama ainda mais longe, de um a outro extremo da ilha.

Mandou conduzir para as Fontes em braços, com todas as cautellas, o pae e a filha. E alli, na casita pobre, cuidou dos dois desgraçados, como se fôram familia sua. Levava-lhes os simplices, colhidos, por suas proprias mãos, d'entre as penedias da ribeira das Lapas e debaixo do frondoso pinheiral que corôa o Pico.

E de casa, quando ao sabado, a mulher, a tia Josepha, tirava o pão do forno, ia o melhor da cosedura para alimentar os seus queridos doentes. Uma santa creatura, aquelle mestre Manoel!

No entanto, Rosaria, que fôra acommettida

por uma febre violenta, teimosa, arribara de vez e já cuidava do pae, cariciosa, terna. Tinha, para com o Mendes, umas meiguices, uns mimos, que faziam voltear nos labios do paralytico uns sorrisos tristes e agradecidos.

E parece que, com a volta d'ella, a casa, sombria e mal cuidada, tomára nma feição alegre, fresca como a sua mocidade. Até o Farrusco, o podengo velho, remoçara, andava mais ligeiro, festejador, como em passados tempos.

E' que, condão sublime da juventude, entrára, com Rosaria, um raio de sol primaveril, que punha uns tons fagueiros, castos, n'aquelle lar de ha tanto descurado e tristonho.

E, assim, foram passando os dias. Ella, na canceira do amanho caseiro, na lida de, com os fiados do escuro linho, prover á subsistencia dos tres. Elle, o Mendes, ora sentado no estrado da casa do meio, ora junto ao portal da entrada, vivia as longas horas da sua inutilidade, do seu forçado descanço.

Estava para alli com a bocca torcida, a fala balbuciante, e o braço e perna direita, descaidos, inertes, como se os assombrara o fogo de um raio.

Mas lá tinha a pequena, a filha da sua santa,

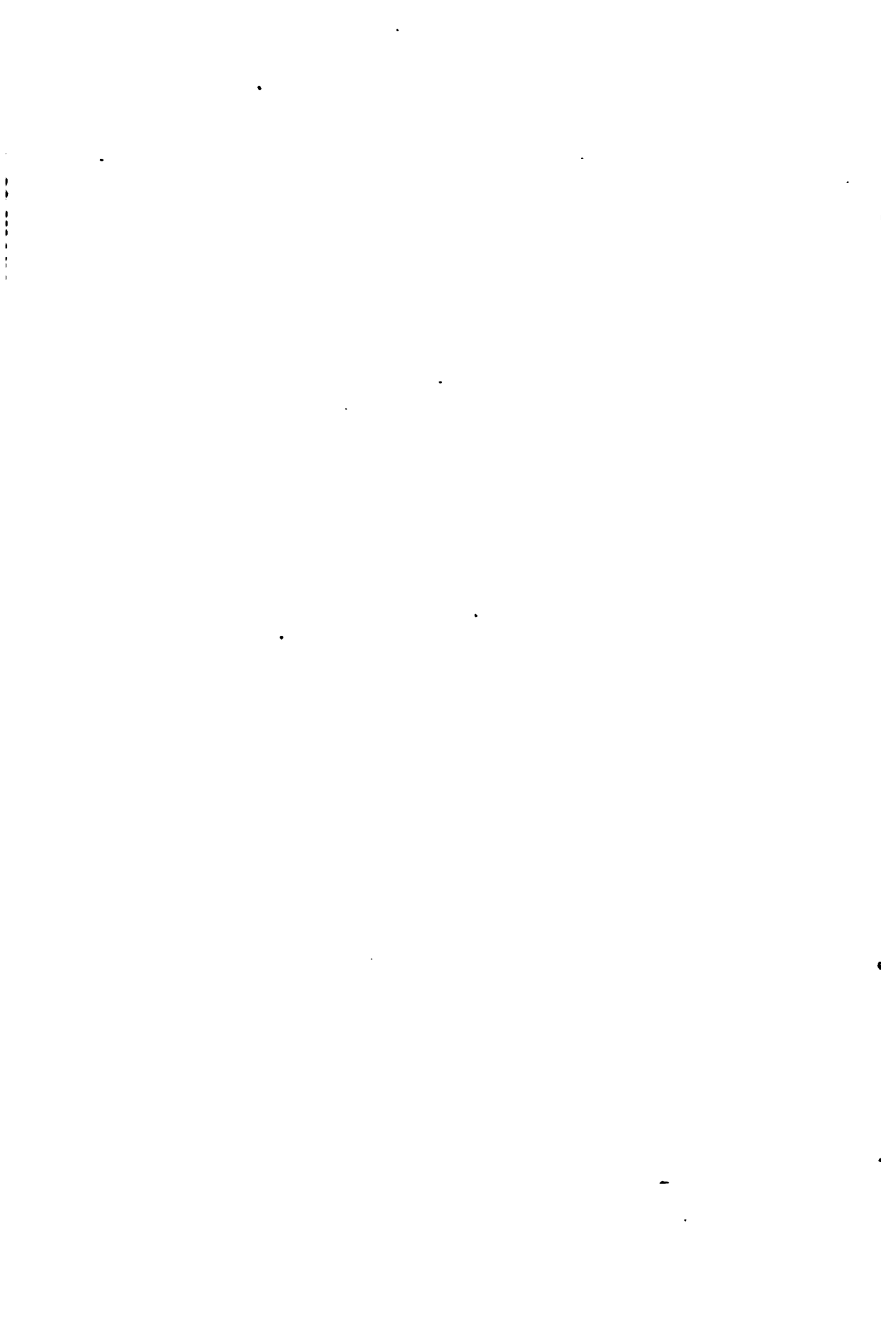
para lhe grangear o pão de cada dia, para lhe consolar a tristeza, a ralação de ver-se assim sem prestimo, quando ainda ha pouco, era valido e robusto, o melhor trabalhador do logar.

E o sr. vigario, a mestra, e os mais grados da freguezia, quando, aos domingos, pela tarde, lhe vinham dar dois dedos de conversa, felicitavam-no por possuir a Rosaria, uma perola, uma filha que era um thesouro,—diziam.

Então o Mendes, esquecendo o seu mal, o *ar*, que o prostara, punha os olhos, rasos de agua, na boa da sua Rosaria, e depois, erguendo-os ao alto, agradecia ao Pae do Ceu, a fortuna que lhe concedera,—a filha.

Assim era Rosaria, quando ha annos, a vi e conheci na sua choupana, a ultima do caminho das Fontes.

VIII

O CODECEIRO

O CODECEIRO

A NICOLAU REYS

As cachopas formavam dois grupos. D'um lado, as do Codeceiro; do outro, as do Carvalhal. De cá eram quatro apenas, capitaneadas por uma mulher alta, esguia, de tez morena e olhos grandes, fixos, imperativos.

Era ella quem, em voz de estridente contralto, dizia a primeira quadra de um modilho popular, que as demais repetiam em côro, frisando, arrastadamente, as duas ultimas estrophes.

Da banda d'além perfilhavam-se, na monda do trigal, umas seis do Codeceiro, entoando, a toda a voz, certas melopêas religiosas, tristes, como que a nota unica de um hymno sagrado, a evolar-se para as maiores alturas

D'alli, o engraçado motete, a canção campe-

sina e fresca, vibrando, na quinta do «Salgueiro», com todo o esplendor de uma alvorada aldeã.

D'aqui, uns mysticos arroubamentos, prelibando o *cantico dos canticos*, esvaindo-se no ether, como os rolos fragantes dos sacrosantos incensos.

Entre um e outro bando havia a differença enorme, sensivel, que se dá entre a terra e o ceu

Um falava-nos dos amores carnaes, das alegrias da natureza, da festa original da primavera, — a vida em toda a sua exuberancia e realidade.

Outro, por mercê do seu tom melancolico, dava idêa de umas aspirações paradisiacas, de um cantico melifluo e ethereo, a subir das rejas de um cenobio, a procurar as mansões celestes, — era o simile das passadas eras.

Para o ouvido, musicalmente educado, coexistia o seguinte dilemma: — o Carvalhal representava as musicas petulantes e modernas de Offenbach e Lecocq; o Codeceiro, no mysticismo do canto, lembrava o côro das monjas no *miserere* do Trovador: «*Miserere d'un'alma magiá vicina alla partenza che non ha ritorno.*»

E entre a alegria e a tristeza, quem se não pronunciaria, em doce e clara manhã de maio, pelo canto vibratil e galhofeiro dascachopas do Carvalhal?

N'este ponto levavam ellas as lampas ás raparigas da terra das *barbas!*

Terra das barbas, sim senhor!

Ha lá uma velha, muito velha, que as põe a quem as não tem, sem carecer de oleo do Egypto, unto sem sal, ou outro qualquer invento de fresca data, destinado a cobrir de pello as faces imberbes das feias creaturas do nosso sexo.

E um homem do Codeceiro, o tio Bernardo, que por mais nome não perca, tambem as tira sem precisar do famoso depilatorio francez, *la Páte Dusser*, de que as nevroticas parisienses fazem uso constante e immoderado.

Oh! pelludas senhoras, porque não ides ao Codeceiro, para que o tio Bernardo vos despoje dos hirsutos pellos, que tanto desfeiam os vossos rostos formosos?

E vós, adolescentes com pretensão a rufiões, que puxaes, sobre os delgaditos labios, os ausentes e imaginarios buços, procurae a velha do Codeceiro, porque de lá vireis mais barba-

dos do que os antigos porta-machados, de inolvidavel memoria!

Alli, n'aquella terra lavada de ares, que possue os mais vastos e soberbos panoramas, e apenas demora da Guarda uns dezeseis kilometros de excellente estrada, tiram-se e collocamse *barbas* — a verdade é esta!

Como?... E' um segredo que só possuem os filhos da povoação; mas que eu, leitor, tive a fortuna de adivinhar, descobrindo-t'o, não pelo seu peso em ouro, mas simplesmente em attenção á tua benevolencia para commigo.

A fundação do Codeceiro perde-se na noute dos tempos. Seria anterior á constituição do reino Portucalense? Assim parece!

Os antigos procuravam edificar os povoados nas maiores eminencias, para vigiarem as correrias e assaltos dos inimigos. Defendiam-se mais facilmente, quando abrigados pelos barrocos de granito, que povoam, como fundações medievaes, os serros alpestres da Beira.

A disposição estrategica do Codeceiro, indica a sua construcção antiquada, quando os arabes assolavam e talavam os campos da Luzitania; e os restos da sua torre, vigia ou atalaia, são

talvez memoria dos feitos heroicos d'aquella raça africana, que dominou, por seculos, os povos iberos.

Diz a tradição que a torre era ameiada, e Pinho Leal assim o confirma no seu — *Portugal Antigo e Moderno* —.

Hoje, por mercê do genio vandalico e destruidor do nosso povo, apenas campeiam, no alto do serro, quatro desmantellados muros, com espaçosa entrada ao nascente. Os restos, porem, d'aquella torre, dão ideia da sua anterior fortaleza, do preparo especial que presidiu á edificação, para poder resistir aos embates do tempo e á aggressão das cohortes inimigas.

Mas, leitor, acompanha-me, por favor, ao sitio mais elevado da torre do Codeceiro. Olha aos quatro pontos cardeaes, e diz-me das tuas impressões ante tão formoso panorama. E' esplendido, arrebatador!

Tanto quanto a vista alcança, lá estão, muito ao longe, as elevadas serranias da Hespanha, e a defrontar-lhe, como vigilante atalaia, a forte praça de Almeida.

Em frente, bem na linha directa do raio visual, a formosa e grande povoação de Freixedas, o elevado castello de Pinhel, e, mais dis-

tante, os muros, mal conservados, da praça de Castello Rodrigo, solar d'esse marquez, que foi ministro de Affonso VI.

Sobre esse mesmo lado a Morofa, uma das grandes montanhas da Beira, que, se alli não estivesse, nos deixaria divisar, a olho nú, a vasta devêsa de Figueira de Castello Rodrigo.

Após, as serras transmontanas, e desviando a cabeça, um pouco para a esquerda, surge, ante a nossa vista, o historico e antigo castello de Marialva, os velhos muros de Trancoso, e, emfim, os primeiros contrafortes dos altissimos Herminios.

E assim, meu leitor, embora te fatigasse a trepa ate esta elevação e os dois kilometros de pessimo caminho que te conduziram de Carvalhal ao Codeceiro, tu deves dar por bem empregada a canceira, quando comtemplares, extasiado, o vasto e accidentado panorama.

Agora um pouco de historia e de lenda, com respeito a esta antiga povoação da Beira.

A lenda diz que Affonso Sanches, filho natural do rei D. Diniz — o lavrador — e seu mor-

domo-mór, então e hoje a primeira dignidade da côrte, esteve na torre do Codeceiro, cuja povoação lhe fôra doada por seu pae.

Diz mais que, ao Codeceiro, se chamára, em tempos que já lá vão, Villa Flor da Beira. E, ainda que o rei D. Pedro I,—o cru ou justiceiro —combinára n'aquella torre. com embaixadores do rei de Hespanha, a extradição de Pedro Coelho um dos assassinos de Ignez de Castro —«... a misera e mesquinha, que depois de morta foi rainha.»

Mas a tradição, n'este ponto controverso, refere-se, por analogia, ao matador da formosissima amante do rei portuguez, por elle possuir casa e bens na antiga villa do Jarmello, assente a pouca distancia do Codeceiro.

A historia, segundo Pinho Leal e outros, narra que o Codeceiro foi villa por foral que, em 12 de novembro de 1519, lhe deu el-rei D. Manoel, o venturoso, e que o foi até 1855, pertencendo á comarca do Jarmello. Em 1757 tinha noventa fogos, sendo orago da sua egreja parochial, como ainda hoje é, N. S. da Annunciação.

Tinha camara, com dois vereadores e um almotacé, e Juiz ordinario, com poderes de sen-

tença até á condemnação maior — a pena capital —.

Albuquerque, no seu censo de 1878, dá-lhe 106 fogos, 203 varões e 197 femeas. No decurso de tempo, que vae d'essa data até ao presente, nada tem progredido. E' uma terra morta, uma insignificante aldêa, cuja feira em dia de S. Thiago, o apostolo das Hespanhas, deixou ha muito de realisar-se na epoca propria, — 25 de julho de cada anno.

Quanto á tradição e á historia temos dito o pouco que pudemos rabuscar em antigas chronicas e modernos diccionarios. Mas falta-te, leitor amigo, a decifração do grande enigma, a causa de chamarem ao Codeceiro — *terra das barbas*.

Eu prometti matar a charada, com o fructo das minhas investigações aturadas, das locubrações periodicas sobre este ponto sibyllino.

Ahi vae, e não me pagues nada depois. Dou-t'a sem interesse, *gratis pro Déo!*

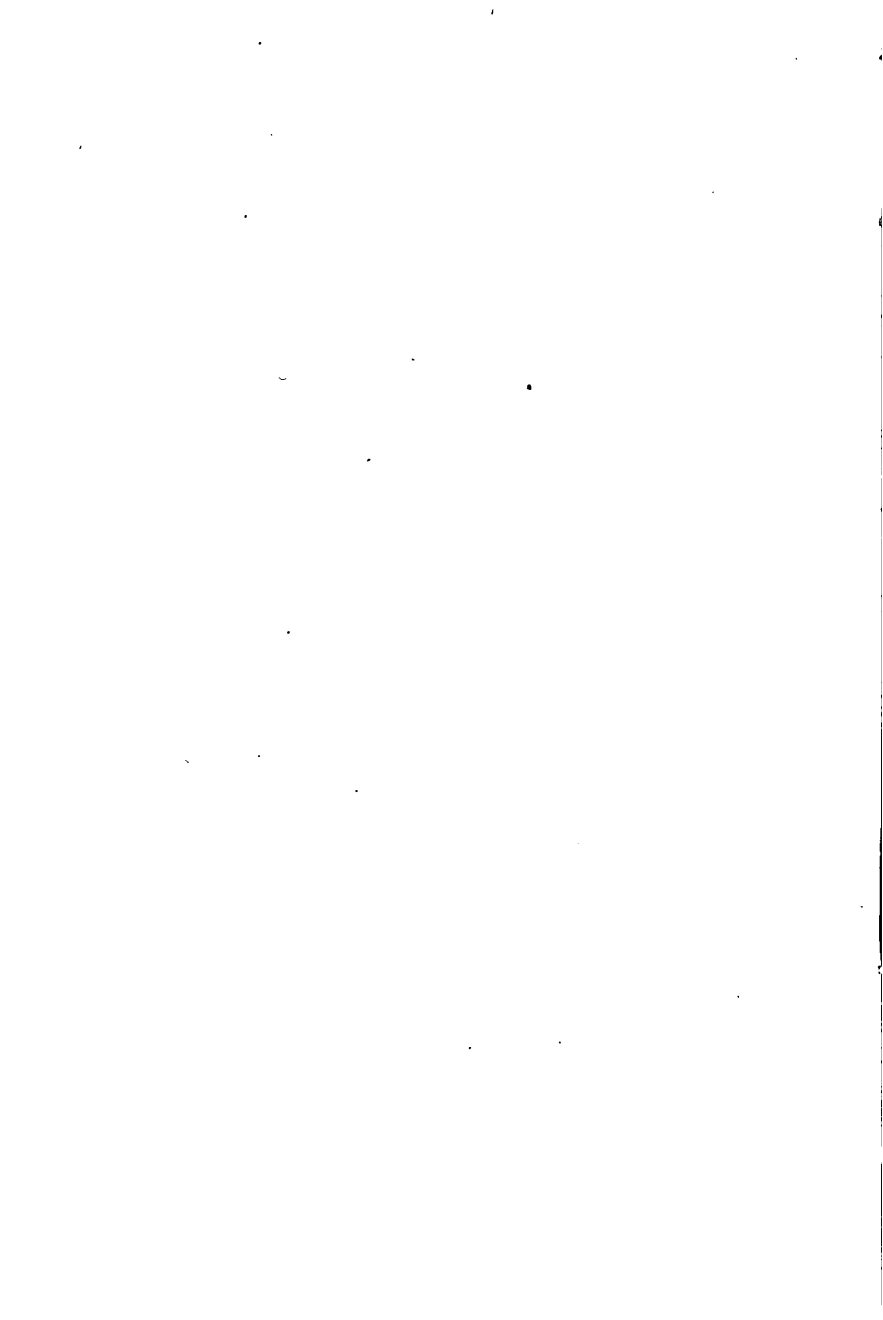
No Codeceiro, por via do valor dos seus destemidos moradores, cortavam-se as barbas aos atrevidos que alli iam, na presumpção de vencerem aquelles valentes beirões.

No Codeceiro ainda hoje, embora pobre e sertaneja aldêa beirôa, *dão-se* barbas aos fanfarrões que, por mal avisados, se intromettem nos negocios d'aquelle povo original e destemido.

Por isso o Codeceiro é *terra das barbas.*

Lá se põem e lá se tiram.

IX

LUIZINHA

LUIZINHA

A D. LUIZA DE MELLO

Um corpo esbelto e gentil, desempenado e airoso, em que poisa uma cabecita muito carregada de fartas e negras tranças.

Olhos fundos, luzentes, mas de tão casta luz, que repoisa serenamente o nosso olhar nas suas pupillas cheias de pureza.

O que, porem, resalta do seu todo juvenil, são os labios tumidos e rosados, onde a alacridade foi armar o seu ninho.

Luizinha sorri desde a alva até sol posto, e diz a extremosa mãe que, ao cerrarem-se-lhe os olhos nas doçuras do somno virginal, lhe ficam soabertos os labios purpurinos, deixand

passar os meigos sorrisos, symptomas permanentes da sua jovialidade unica.

E assim é a Luizinha, querida leitora.

Luizinha não é perfeitamente uma creança. Já a podia assoberbar uma paixão, porque conta desoito adoraveis primaveras, e, assim, bem podia o seu coração amoravel ter algum dia falado de amor.

Mas, quem pensa n'isso!

Ella que só cuida de saltar entre as arvores em flôr, que leva em alegres carreiras um dia inteiro, quando tem por companheiras outras, mais novas, de certo, mas não tão galhofeiras, pensava lá em tão graves cousas.

Nada, não póde ser!

O campo tenta-a, com a pradaria esmeraldina, a estender-se por ahi fora; com os sinuosos atalhos, onde ha que dar trabalho e canceira aos pés buliçosos; com os arvoredos sombrios e emmaranhados, em que pode desapparecer repentinamente, para logo, soltando loucas risadas, pregar famosos sustos ás pequeninas e jovens companheiras.

Até, que Deus lhe perdôe!, ha quem a ache

alegre de mais, quando o sorriso n'aquella bocca é como o despontar de uma aurora em manhã de abril.

No *Lameiro* enxameava um formoso rancho de creanças. Luizinha, como mais velha, presidia aos alegres brinquedos. Da parte masculina, quem se lhe seguia em arrojo e desenvoltura, era Ayres, o traquinas, delgado, nervoso, com pernas de aço e ademanes de cavalleiro andante.

Aquelle pequeno, sympathico e vivo, era uma promessa para o futuro, e, desde já, o doce enlevo dos extremosos paes.

Na matta, em frente á fabrica, corria preguiçoso um leve fio de agua, fresca e crystallina, onde Ayres, em pose de almirante, mandava a manobra d'um pequenino barco, toscamente feito, mas que, ao mais fraco impulso, deslisava, com celeridade, no serpenteante arroio.

A manobra, por vezes, era infructuosa. Qualquer pedra, collocada, adrede, na mansissima corrente, obstava á navegação do barco, e, em outras occasiões, bastava a menor depressão do terreno para o fazer encalhar, deixando per-

plexos, do lado da terra, os juvenis timoneiros.

A ponto chegou o barquito a uma pequena angra, onde, após leve desvio, se formava perigosa cataracta. Alli encalhou.

Ayres queria experimentar a força do barco que commandava, fazendo-o seguir sobre a impetuosa avalanche da agua.

Era um arrojo.

Luizinha, como mais sizuda e pratica, antevia o perigo imminente, e aconselhava a volta, á sirga, da embarcação encalhada.

Prudencia.

Os marinheiros e marinheiras de agua doce encontravam-se em opiniões diversas.

Caso natural.

Mas Ayres, na qualidade de almirante e sem attender a avisos prudentes, deu ordem para que o barco fosse desencalhado á força de braços, e disse com audaciosa intimativa para os seus marinheiros:

— Larga! Avante!

Pouco depois a embarcação era posta a nado e seguia, veloz, para o crystallino precipicio. Deu dois vigorosos saltos sobre a liquida super-

ficie e chegou, feita em pedaços, ao fundo do aquoso abysmo.

No entanto ria Luizinha a bandeiras despregadas, dizendo para o rancho de intrepidos marinheiros:

— O vosso almirante é um temerario, mas eu... sou prudente e avisada.

Antes assim.

X

SOALHEIRO ALDEÃO

SOALHEIRO ALDEÃO

A Annibal Bettencourt

E assim andou de porta em porta.

Batia, de manso, umas pancadas lentas, intervalladas, que se repercutiam lá dentro, com um som prolongado e secco.

Os nós dos dedos angulosos voltavam de novo, mais insistentes, a caír, como seixos, sobre os grossos portaes de castanho, se havia tardança no ranger clamoroso dos quicios e nas grandes linguetas das fechaduras perras.

Depois, mal se escancarava a porta, entrava, lampeiro, abrindo as longas pernas, que se assemelhavam, pelo feitio exotico, ás dos feios palmipedes que denominamos — cegonhas.

Só parava no ponto extremo da habitação,

quando via todos os da familia estacados, curiosos, em muda e interrogativa ancia.

Usava, então, do soberbo praser do alviçareiro, ante um auditorio attento, a quem morde o *percevejo* da curiosidade.

Alongava mais o queixo phenomenal, erriçavam-se-lhe os poucos pellos do bigode hirsuto, luziam-lhe os olhos felinos e traidores, e soabria os labios premidos e seccos como que para soltar uma grande nova.

Mas ao deparar na ancia do mexeriquento conciliabulo, engatilhava um sorriso escarninho, orgulhoso, distendia as grandes e deformadas tibias e, lá ia, já com grande sequito, bater a todas as portas da aldêa, para representar a mesma repisenta scena.

A breve trecho, porem, tinha reunido na larga praça do povoado, mesmo em frente da egreja parochial, todas as comadres bisbilhoteiras e alguns ralaços lavradores, a quem pouco importava o estrago da lagarta na horta ou do pulgão na vinha.

Então, quando o circulo dos curiosos se apertava, na gulodice do escandalo, elle, o alviçareiro, mastigava primeiro em secco, como se

estivesse na deglutição d'um delicioso *bonbon*, procurava a *pose* requerida nos oradores de fama, escolhia o gesto *á sensation*, e perorava assim ao auditorio attento:

— Ella catraspicava de ha muito o Antonio da Theresa. Todas as noutes, mesmo, mal o pae recolhia ao catre, vinha falar-lhe ao cancello: ella de dentro, elle de fóra. Diziam falas muito mansas, apertavam as mãos estreitamente, e, assim que principiava a badalar o sino de correr, largava o Antonio pela quelha funda, bradando uns adeusinhos sumidos, ternos. A cachopa...

— Mas qual cachopa nem qual diabo, gritavam do lado. Põe os pontos nos ii, se queres que te aturemos a conversa.

Elle, com má cara:

— Ou digo até ao fim, ou abalo...

— Vá, vá, respondia a chusma, continúa.

— Pois é como lhes digo!... A cachopa, benza-a a Deus, era d'uma canna. Guapa, branca, rosada e com uns olhos, ó pae do ceu, que luziam como dois pares de candeias de azeite... salvo seja.

— Mas quem, qual? Diz-lhe o nome? — clamavam do grupo.

O *homem*, porém, despresando, apenas redarguia:

— Leva da bulha, canalha! Falo eu, ou chia o carro?

E continuando:

— ... No S. João ninguem, como ella, saltava, mais ao desembaraço, a fogueira do *rosmano*, e, quando chegava, pelo setembro, a romaria da Senhora da Povoa do Mileu, era de vêr a bella da fogaça, posta no alvo guardanapo de linho córado, que ella collocava sobre a mesa de pedra, que para alli está á sombra dos grandes castanheiros.

— De chupeta, rapazes! — E levava a lingua ao ceu da bocca, produzindo o estalido denunciador d'um paladar agradavelmente lisongeado pela mastigação do melhor dos bocados.

— Muitos lhe arrastavam a aza — os cá da terra e os de fóra — mas a rapariga não queria outro gallo no poleiro, a não ser o Antonio da Theresa. Cahiu-lhe, porém, o raio em casa....

— O que? O que? — exclamaram os ouvintes attentos, escancarando as boccas na força das interjeições.

— Tal qual, meus meninos! Cahiu o Antonio nas sortes, e lá foi para a Guarda para ser

inspeccionado pelos cirurgiões, mas acompanhado, valha a verdade, pelo tio Manuel da Varzea, o nosso regedor, que me disse ser mais facil perder o *mando* do que o rapaz ir para o 12.

— E depois, e depois? — conclamou, surpreso, o auditorio.

— Venha de lá um cigarro, e falaremos.

Emquanto esfregava na manga da jaqueta de saragoça o phosphoro de enxofre, contendo-o, para não se apagar, entre as duas mãos quasi fechadas, e approximando-o dos labios delgaditos e descórados, afim de accender o cigarro de forte kentuky, *elle*, o alviçareiro, olhava, de soslaio, para o grupo cerrado dos curiosos ouvintes. Consolava-o a avida attenção que divisava em todos os rostos, e a estulta pasmaceira das comadres da aldêa, presas do seu verbo caustico e mirabolante.

É que o senhor abbade, nas praticas do domingo, quando explicava a commovente parabola do regresso á casa paterna do filho prodigo, fazia bocejar as velhas beatas, subjugadas, agora, pela sua phraseologia picaresca.

É que em dia de festa rija, e com prégador

de fama, via-se um ou outro lavrador resonar estrepitosamente, tendo por encosto um dos batentes do guardavento da egreja, emquanto que, alli, abriam desmesuradamente os olhos e os ouvidos para apreciar os seus gestos larguissimos e originaes, para não perder uma só d'aquellas palavras, ditas condicional e diffamatoriamente.

Assim, aspirava elle, n'aquelle conveniente compasso de espera, uma regalada fumaça, preparando a phrase para a continuação do aranzel.

Depois, puxando o cigarro e expellindo d'entre os beiços uma espessa columna de fumo, que mirava, como se d'ella lhe podesse vir a inspiração, retomou o fio ao discurso, e disse:

— O tio Manuel foi infeliz. Os compadres lá da cidade, ou porque não tinham bastante *aquella* com os cirurgiões, ou porque não são *cá da politica,* — e batia rijo no arcabouço — deixaram *chumbar* o rapaz. Foi para o 12, e lá o bispei eu no campo de S. Francisco, já com as correias no lombo, a dizer: — «um, dois, um, dois...» Não lhe pude chegar á fala, porque o sargento, quando tal tentei, me disse com voz

de poucos amigos: — «Eh! fóra bruto, cá com os recrutas não se bota parola.» — Mas o Antonio, apesar da colleira preta, que lhe dava ares do nosso abbade, quando vem para a egreja de batina, capa e volta, parecia alegre e bem disposto.

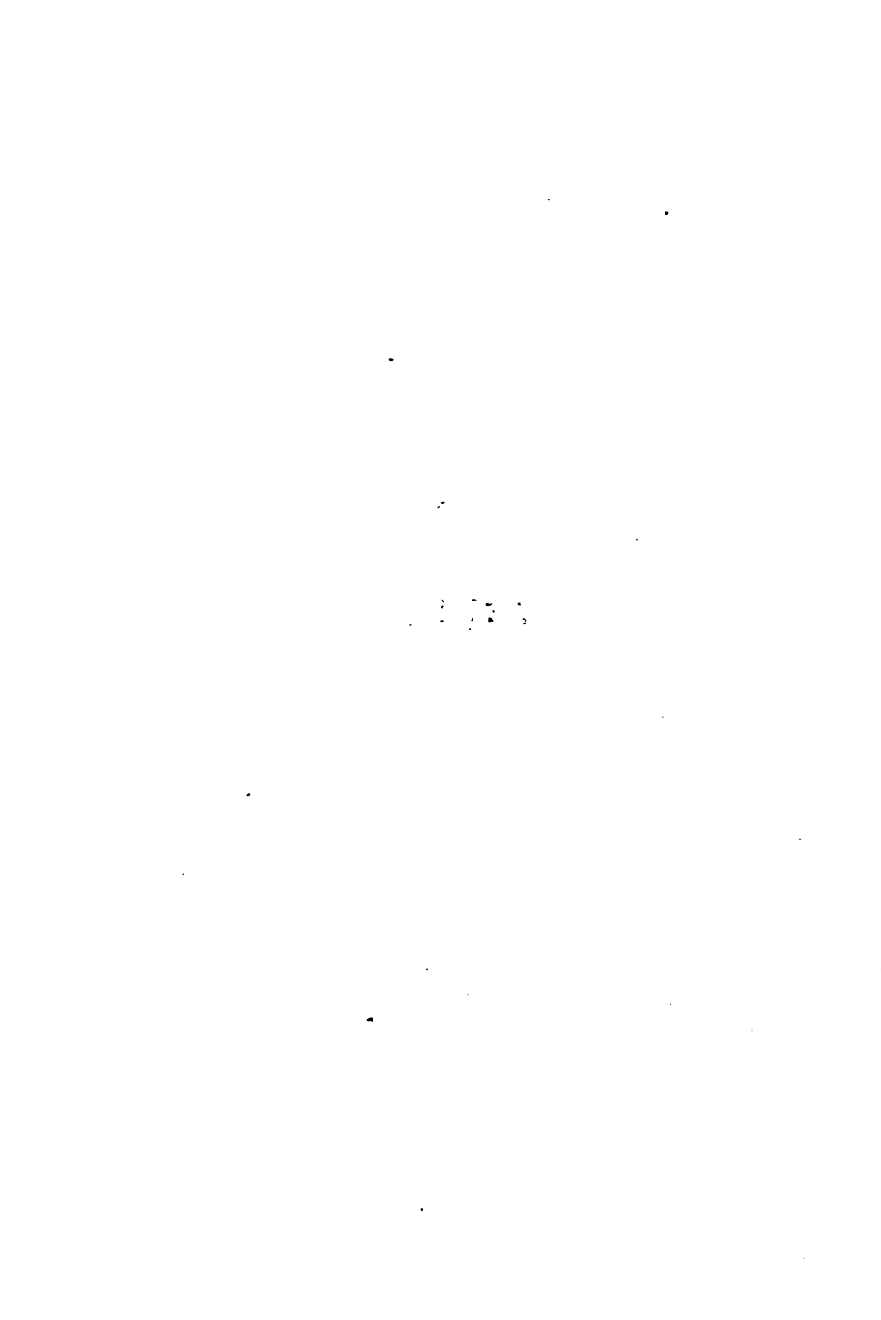
— *Hom'essa,* — disseram do lado — nem saudades da cachopa?...

— Nada, que essa tambem lá estava, arrumada, ao que parece, em casa de gente fina. Até já lhe rondam a porta os meninos da cidade, que se desunham por amor das sopeiras; mas a cachopa — *nicles*. Não toma nada! Aquella ha de ser do Antonio da Thereza. E faz bem, que o moço dá soldado d'uma canna só. Vocês verão, na volta.

— Mas, ó homem de Deus, dize o nome da rapariga, dize! — gritaram em côro.

— Vocês o saberão... na volta. E foi-se.

XI

FELICIA

FELICIA

A SEVERIANNO GOMES DE BETTENCOURT

A Felicia tinha desoito annos.

Baixinha, pouco fornida de carnes, levemente morena e com uns olhos meigos, fundos, luzentes, de onde se derramava toda a voluptuosidade do seu ser adoravel.

Caminhava nos *trottoirs* com uns passinhos miudos, bamboleando os quadris, com esse *tic* peculiar ás mulheres dos tropicos; e, se entremostrava os pés pequeninos e breves, sempre bem calçados, repuxando um pouco a fimbria do seu vestido de *armure* negro, passava um deslumbramento pelos olhos cubiçosos dos passeantes despreoccupados.

Era garrida e sabia dar valor ás suas formas

minusculas, quando queria exhibir esses minguados nadas, cheios de promessas, que apresentava o seu corpo gentilissimo, e erecto como uma palmeira nova.

O olhar, principalmente, possuia todos os tons da mais concentrada meiguice, quer se espraiasse coado por entre os cilios ramalhudos dos olhos semicerrados, quer explodisse, a flux, das pupillas desmedidamente dilatadas.

Ao vel-a, diziam todos:

— Pequenina, mas de appetite!

Requestavam-na dois rapazes no verdor dos annos.

Um era louro, branco e rosado como os filhos do norte, espadaudo e forte; mas, de resto, effeminado nas falas e meneios.

Os olhos azues, vagos e indefinidos, não fuzilavam raios de paixão. Tinham a bella côr das aguas espelhadas de formoso lago e o sentimento, repousado e tranquillo, d'essas mesmas aguas.

O outro era franzino e pallido.

De feições pouco regulares, feio mesmo, mas com uns olhos negros e fundos, que, a cada momento, revelavam o sentir de sua alma, o

fogo ardente da sua natureza concupiscente.

Um, promettia o amor casto e duradouro, n'um lar comezinho e aconchegado, onde expandissem risos em labios de bellas creanças, robustas e meigas.

O outro, os estos da paixão ardente, requintada e devoradora, que calca aos pés o dever subjugado ao amor.

—Qual d'elles o preferido, dirá a leitora, imaginando-se heroina d'esta pequena historia?

A seu tempo o saberá.

A casa de Felicia era no bairro alto, e dava —feliz acaso para amantes noctivagos!—para duas ruas differentes.

Na frente, como rua mais publica, era entrevistado o mancebo de olhos azues e cabellos loiros, aquelle que, singela e pudibundamente, ambicionava a posse da sua adorada... entrando pela porta da egreja.

Pela retaguarda, em rua pouco habitada e de raros transeuntes, assomava o muro do quintal, em que se divisava uma pequena e discreta porta, que estava mesmo a dizer:—«entra, que ninguem te verá».

Era alli que se conversava com o arrojado moreno.

De tarde, o loiro fazia o seu honesto pé de alferes, emquanto que, a horas mortas da noite, assoprava o moreno loucas e captivantes phrases de amor pelo exiguo buraco de uma incompativel fechadura, dizendo, como nas coplas da revista de *Pan-Tarantula:*

«Quê dê a chave
qui ti dê para guardá».

Mas, leitora, o amor é teimoso, e raro mente o rifão — *Agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura.*

Felicia fôra, em uma manhã de setembro, pedida pelo enamorado donzel de tez branca e madeixas doiradas, e á noite, quando se despedia para sempre do galan de negros e ardentes olhos, abria-se não sei porque maleficio, a mysteriosa porta, e os dois morriam de felicidade trocando um longo e perfumado beijo de amor.

. . . .

Lição:

Não te fies em morenos, leitora incauta!

XII

MESTRE COSTA

MESTRE COSTA

A Frederico Bettencourt

Um typo!

Tem sessenta annos, chora pela defunta que Deus levou para mundo melhor, e é alfayate. Mas alfayate que não fez conciliabulo com os seis preversos que mataram a aranha.

Respeita e teme o Senhor dos Ceus e da Terra e tem profundo horror pelos pedreiros livres.

Se lhe chamam maçon dá por paus e por pedras, e vae tudo raso.

É dotado de bons costumes, menos aos domingos e dias santos, em que se deixa ferir na aza, como innoffensivo passarinho.

Isto emquanto ao moral, porque o physico, louvado Deus, traça-se em duas pennadas.

Baixote, magro, desempenado, grossa e hirsuta cabelleira, mesclada de branco, nariz farto e tumido, umas suissinhas á *chanceller de ferro*, olhos piscos, cobertos de bastas sobrancelhas, e, finalmente, uma grande bocca, deprimida e apertadinha nos seis dias da semana, sorridente e magana nos domingos e dias de Sabbaoth.

Julga-se feliz ou infeliz, conforme é domingo ou segunda-feira.

Veste de gato pingado nos dias de trabalho, e de *faia* ao concluir a semana, depois de receber o quartinhosinho da feria.

Tal é mestre Costa.

Elle não pertence á santa religião moysaica, proclamada por Deus, entre trovões e coriscos, no alto do Sinai.

Nada, não senhor! Gosta de toucinho e não despresa o bello chouriço da Beira, ou o famoso presunto de Melgaço. Tem mesmo uma pronunciada predilecção pelo caldo verde, temperado com o saboroso unto suino.

Nem tampouco mestre Costa, incapaz de abjurar as suas arreigadas crenças catholico-apostolico-romanas, está filiado na religião de

Luthéro ou Calvino, ou na seita especial e accommodaticia dos mormons.

Mas tem umas baldas, uns costumes, que lhe advieram, inconscientemente, das sabias ordenações do propheta hebreu e dos preceitos do celebre progenitor da religião protestante.

Os judeus guardam, escrupulosamente, os sabados de cada semana.

Os lutheranos e calvinistas não põem mão em trabalho, por mais insignificante que seja, no dia de domingo.

Mas os christãos, em geral, já não seguem os mandamentos do Senhor. Não descançam, como o Supremo Architecto do Universo, após os seis dias de lida.

Pois mestre Costa, catholico *hors ligne,* deixa a agulha e a thesoura ao badalarem as trindades de cada sabado, para as retomar tristonho, mas inflexivel comsigo proprio, na manhã de segunda-feira.

N'aquellas breves trinta e tres horas e meia, que decorrem das trindades da noite de sabado ás trindades da manhã de segunda-feira, entrega-se mestre Costa aos sagrados deveres religiosos. Descança dos labores semanaes, em-

quanto adora o Senhor dos Ceus e da Terra, nas suas mais magnificentes exhibições.

Enverga o fato domingueiro, ouve a matutina missa da Sé, *flana* de jaqueta. faixa, calça de bom linho, engommada, e chapeu posto ao lado, pelas velhas e incommodativas calçadas da Guarda, e, de resto, na sua lojita, toma o caldo dos grandes dias e absorve-se no tratamento da uberrima vinha do Senhor.

Vamos a vel-o nos dias ordinarios, n'aquelles em que se encontra o artista entregue á sua laboriosissima faina, que representa uma ardua tarefa de boas e longas dez horas.

O mestre Costa trabalha fóra da sua officina quando não abunda em casa a manufactura de casacos, calças e colletes, trazida pela freguezia cidadã ou campesina.

Sae ás seis horas da manhã, embrulhado no seu longo e forte casacão de saragoça, muito proprio para o agasalhar quando exposto ás cortantes e frias brisas matutinas.

Por dentro uma jaqueta e collete do mesmo estofo, forrados de quente e grossa castorina.

A calça, tambem de saragoça, é larga e abundante em panno, fazendo uns pequenos refegos

sobre as botas-tamancos, afim de aquecer mais as magras tibias e os ossudos pés. Emfim, na cabeça usa um chapeu preto, de abas pequeninas e aconchegadas, que dá ar meditabundo, soturno, ao seu rosto anguloso e triste, como o d'um asceta das antigas thebaidas.

Na casa, onde foi chamado ao trabalho manual, mantem a postura taciturna de quem vive das dolorosas locubrações do espirito, quando alguma grande tristeza, ou funda saudade, atrophia o coração.

Assim, quer inclinado sobre a meza de talhar, quer cingido á fazenda que tem de coser, mal se lhe vêem os olhos, cobertos de espessas pestanas, assoberbados por hirsutas sobrancelhas.

É profundamente nostalgico durante os arrastados seis dias da semana. Tem o pensamento fixo n'aquelle longinquo domingo, e, d'ahi, a profunda tristeza que lhe entenebrece o rosto, as falas lentas e curtas com que responde ás nossas interrogações.

Mestre Costa, por estas razões imperiosas, é um escravo acorrentado ao potro durante 144 horas.

Mas tambem, diga-se a verdade, nas 24 ho-

ras do seu feliz domingo, não ha, na sociedade egytaniense, mais ditosa creatura, mais livre e jovial artista.

Vamos, agora, vel o na phase brilhante da sua vida, no apogeu da sua gloria.

É chegado o domingo, o dia por excellencia!

— Vamo-nos alindar — diz mestre Costa. — Tratemos de parecer bem ás bellas, exclama sorridente.

E convem saber que o nosso heroe, mal põe pé fóra do leito, tepido e aceiado, cuida logo de aquecer convenientemente o estomago.

Porque, a falar a verdade, nada ha que melhor disponha o espirito do que uma matadela de bicho nas frias manhãs d'esta Siberia portugueza. É uma necessidade mesmo, um cordial preciso para dar tom, em dia santo, a um estomago atribulado pelas abstinencias forçadas d'esse precioso licor, que não podemos provar, por amor da arte, nos seis longos dias da semana.

Assim o compreende mestre Costa, e muito bem, segundo pensamos.

Pois, senhor, n'esses dias solemnissimos, é

outra e mui diversa a apparencia physica do nosso biographado. Aquellas pastinhas alongadas, que convergem dos lobulos das orelhas para o meio da face, que lhe dão uma gloriosa semelhança a Bismarck, tomam uns ares petulantes, reinadios. Até os olhos, sumidos e cançados, projectam uns brilhos novos, sorriem com a grande e escancarada bocca.

O habito não faz o monge, mas o vinho faz o homem!

Senão, vejam.

N'aquelles dias felizes, santos, apresenta-se-nos mestre Costa com a seguinte *toilette* garrida:

1.º — Calça de linho cru, muito engommada e esticada, esbelta mesmo no talhe, porque foi aprimorada obra sua.

2.º — Um collete flamante, ramalhudo, lembrança de antigas e felizes eras, sobre que caem as pontas leves d'uma larga manta de seda.

3.º — Uma jaqueta curta, de bom e fino panno preto, talhada com elegancia e muito cingida ao corpo.

4.º — Chapeu de aba larga, á *marialva,* todo descaído sobre a orelha esquerda.

5.º — A indispensavel faixa de lã preta, aper-

tando o esquipado abdomen, e caíndo, em leve franja, sobre o quadril esquerdo.

6.º — Finalmente, sapato bem engraxado, com o competente salto de prateleira.

E digam-nos, francamente, se mestre Costa, assim preparado, não se parecerá com alguns dos *sportmen,* que por ahi cavalgam em bestas caras.

Para finalizar esta photographia moral e physica, basta dizer que a *toilette,* n'aquelles grandes dias, anda a par da alegria, natural ou artificial, que vae no espirito do mestre alfayate. Assim, podeis vel-o *flanar* nas ruas principaes da Guarda, bamboleando o corpo, sorrindo para os transeuntes, e piscando o olho ás formosas sopeiras, que as ha por ahi de tres estalos e um assobio.

Visita, então, as lojas conhecidas e não sei se algumas capellas com ramo de giesta á porta.

Fala e discursa a cada instante, entremeando em tudo o seu estribilho caracteristico:

— Valha-nos Deus Nosso Senhor.

Chega até, com grave escandalo para a sua provecta edade, a dar passos de dança e a didizer cantigas brejeiras.

E se algum estudante gaiato lhe atira ás faces venerandas com o insultante epitheto de *maçon,* mestre Costa, entre carrancudo e alegre, responde:

— Menino, menino, não se brinca com a santa religião.

E raspa-se entre as dez e as onze.

XIII

VIOLETAS

VIOLETAS

A José Abrantes

Tinha-as cubiçado muito quando passára, extasiada, na muda contemplação d'aquelle massiço de verduras, que para alli estava, como que a convidal-a á molleza d'uma sésta, dormida no mais regalado e alfombrado leito.

O freixo estendia as suas pernadas enormes, pondo sombras espessas sobre o verde tapete, e só, por entre uma ou outra frincha, se coava, a medo, uma pequenina restea de sol.

No jardim, antes d'ella chegar, jazia tudo no mais profundo silencio. O rio, mesmo, deixára de murmurar a sua eterna canção, e as abelhas, feridas pelo sol ardente, no pino do meio dia, tinham procurado os cortiços, cobertos de novo e oloroso feno.

Ao cimo, porém, do freixo, na mais elevada

e ramalhuda haste, escondia-se, curioso, um negro e emplumado melro. Mal a viu ao longe, calou o canto estridente e prolongado, que punha notas vivazes e unicas na silenciosa estancia.

Era, pois, azada a hora, calmo o tempo, fresco e sombrio o recesso de verdura, para ella, a solitaria divagadora, procurar, plena de confiança, o molle repouso d'uma preciosa sésta.

Assim, atirou-se, descuidosa, feliz, sobre o leito florido, onde vegetavam, á sombra das verdes folhas, as mais formosas violetas de Parma.

A pouco trecho dormia, consolada, n'um d'aquelles somnos continuos, pesados, que só a infancia ou uma consciencia purissima trazem ao corpo, amollentado por subitas lazeiras.

E, vel-a dormir, era um doce enlevo para olhos desacostumados de contemplal-a na mais original e encantadora postura, em que o seu gentilissimo corpo parecia envolver-se n'umas coberturas de esmeraldas, lantejouladas de amethystas.

Porque mui raro se encontrará, por esse mundo de Deus, um mais precioso leito, talhado entre verdes folhas e roxas flores, acortinado pela espessa ramada de freixo colossal.

Ella, com o seu finissimo gosto, procurára, não só alfombrado leito, frescas sombras, ar puro e impregnado dos aromas subtis das violetas e dos jasmins do Cabo, como a pianissima symphonia das aguas, levadas, docemente, na calma corrente do proximo Mondego.

Estava bem assim, a deliciosa Armida d'aquelle peregrino jardim, que Deus adornára com a mais luxuriante vegetação, pondo uns tons preciosos nas longas franças dos salgueiros e amieiros, que marginavam o fio crystallino d'aquelle rio consagrado a antigos e hodiernos bardos.

Fomos só dois que a vimos assim — eu e o negro e emplumado melro, que, nas grimpas do alteroso freixo, começou a soltar maguados canticos, mal ella cerrou os formosissimos olhos.

O alado cantor é quem melhor poderia descrever aquella beldade se o destino, em vez de trillos suavissimos, lhe tivesse dado humanas falas. Verdade é que, ao soltar o canto longo

e cheio de *fiorituri*, parecia como que elevar, para as serenidades do ether, um hymno de amor e reconhecimento. Enamorára-se, por certo, da bella adormecida, e, assim, gorgeava umas singelas ternuras, arrancava notas de fundo agradecimento á natureza em luz, por lhe trazer, para alli, aquella doce irmã da primavera.

Elle, o negro melro, dizia mais nos melodiosos cármes, do que cem poetas diriam n'um milhão de lyricas estrophes.

De quando em quando deixava de cantar para se entregar á muda e deliciosa contemplação da virgem lassamente estendida no tapete de verduras, que cercava, luxuriante, a protectora arvore, onde o primoroso cantor armára o seu palco de *virtuose*.

Depois, como apenas lá em baixo via ondular um seio esculptural, vedado por negro e avaro setim, erguia, petulante, o canto apaixonado, com que convidava, quem sabe? para divinas nupcias, a esplendida noiva que se deixára dormir no sopé do umbroso freixo.

Era um poeta, de resto, o curioso e enamorado melro.

Eu, mal a divisava do ponto onde detivera os passos, surprezo ante quadro tão feiticeiramente original.

Tinha seguido as deliciosas ribas do Mondego, entre as vegetações extraordinarias da quinta do Aragão.

Quem nunca foi alli não póde imaginar bem que de frondosos e sombrios tuneis cortam a quinta em todas as direcções. Em qualquer dia de verão, e na incidencia dos mais fortes raios solares, vae-se, quinta abaixo, sem se carecer de mais resguardo do que o dos arbustos, formando cerradas abobadas, extensas e correctas ruas. Em todos os sitios, onde appeteça passar as horas mais calmosas, encontra o passeiante ensombrados caminhos, onde mal penetra o sol e, por vezes, ha mingua de luz.

Mas, á beira do rio, que recessos encantadores, que deleitosas sombras, que pontos escolhidos para inspiração de trovadores, para enamorados e bucolicos idyllios!

É uma formosissima estancia, aquella, que nada tem que invejar ás mais formosas propriedades de Cintra. E, mesmo, tem um *cachet* especial, unico, que a faz sobresaír de muitas outras — aquelle rio, murmuroso e languido,

que beija e fructifica as fartas raizes dos salgueiros e amieiros, entoando, incessantemente, a melodica canção das aguas.

Ai! que se assim fosse o Paraizo, eu pediria ao Eterno que me levasse a alma para tão delicioso eden, collocando, no logar dos prazeres paradisiacos, — o melro emplumado e curioso, o freixo copado e altivo, e a gentilissima creatura, que adormecera no fofo leito das violetas de Parma.

Eu mal a entrevia do ponto escolhido para tão raro observatorio. O melro fôra mais feliz! Estava de alto, o bandido, velando o somno da virgem, falando-lhe d'uns amores aereos e primaveraes, em que ella, talvez, estivesse pensando na região dos sonhos.

Tinha ciumes do *malvado,* eu, que não soubera imitar-lhe os threnos, finamente amorosos, nem podia, desgraçado! ascender a poiso tão guindado e invejavel, como o que escolhera o alado cantor.

Mas, d'onde me encontrava, ainda disfructava o tanto quanto era permittido á minha desastrada myopia.

Via-a meio envolta pelas pequeninas e arre-

dondadas folhas das violetas, que lhe cercavam a *toilette* negra, como uma cravação de esmeraldas no mais puro e fino onyx.

Ao formoso rosto da virgem adormecida aconchegavam-se as rôxas e odoriferas flores, pondo manchas de amethystas na sua cutis alva e rosada, e fazendo sobresair, ainda mais, o assetinado da pelle e a pennugem, levemente aloirada, que lhe avelludava as faces.

Tinha os bellos olhos bem cerrados, e só quem d'ella se approximasse poderia notar os leves estremecimentos de seus espessos cilios, como o delicioso arfar d'um collo esculptural e digno de ser cinzelado em marmore de Paros pelo divino Praxiteles.

As mãos, mais brancas do que as cecens, descaiam, ao lado da tunica de negro *faille*, que, por indiscreta, deixára a descoberto o mais pequenino e gentil pé que a natureza creára, ou como o sonharia possuir qualquer formosa filha do celeste imperio.

E mais não via, por infortunio, do ponto distante em que me encontrava.

As minhas lunetas de crystal, marcando dez graus, não attingiam, mesmo, do deleitoso quadro, o que, á vista desarmada, gosava o meu

companheiro de solidão, — o negro e emplumado melro.

Tinha-as cubiçado muito, as formosas violetas de Parma, em que dormira tão regalado e delicioso somno.

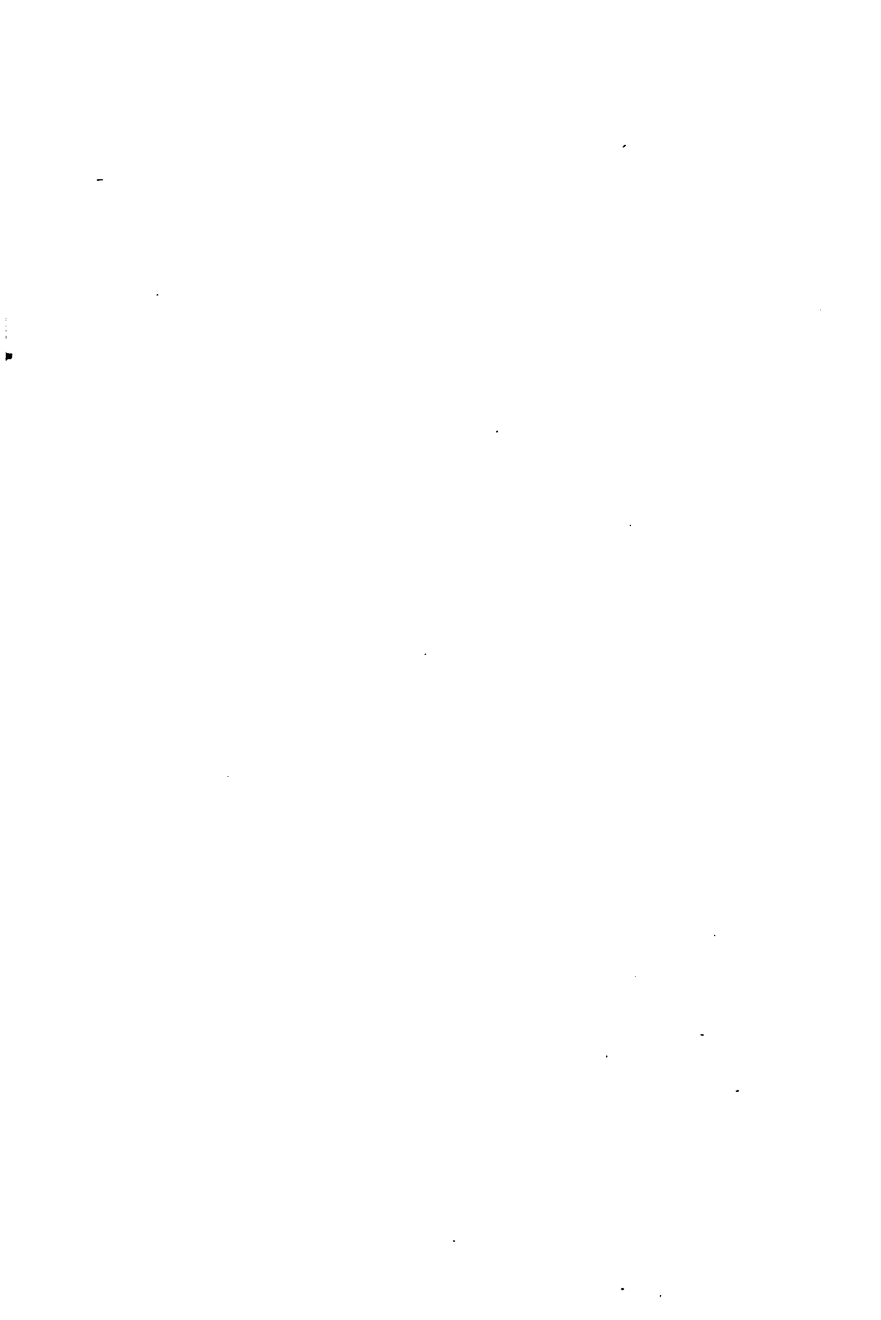
Mas, na quinta da Ponte, tocára para o jantar, e ella mal teve tempo para se erguer, sobresaltada, deixando, esquecidas, as rôxas e fragrantes florinhas.

O melro, ao vel-a seguir celere por entre os formosos tuneis de verdura da quinta do Aragão, soltou maguadas queixas, e foi, em vôo rapido, desferido sobre o Mondego, procurar outra arvore amiga, em mais solitario recesso.

Eu... fui jantar tambem, levando gravado na mente o original panorama que disfructára ha pouco. Dias depois abandonava ella a Beira, despedindo-se, com saudade, de intimas amigas e de apaixonados admiradores dos seus extraordinarios encantos.

Na *gare* ainda a vimos levar aos labios um formoso e farto ramalhete de violetas de Parma, que alguem fôra colher debaixo do copado freixo, que ensombra, deliciosamente, um dos mais pittorescos pontos da quinta do Aragão.

XIV

A TIA JOAQUINA

A TIA JOAQUINA

A IZIDRO MELLO

Dormia n'um quarto grande, quasi quadrado, do 2.º andar do grande predio de Mendo Saraiva, que tem o n.º 1 na rua do Marquez de Pombal.

Subia-se uma pequena escada, d'um só lanço, que vinha da grande cosinha do hotel, onde labutavam constantemente, a Maria José e a Gloria, nos preparativos culinarios para o passadio dos hospedes. Logo no topo da escada divisava-se a velhinha, muito composta no seu leito de ferro, que defrontava com a janella, escancarada para o quintal, como uma grande bocca hiante a tragar um mundo de luz.

Aos lados, no espaçoso quarto, ficavam os leitos dos rapazes, os netos, a quem ella muito presava, e que a respeitavam muitissimo.

Pela manhã cedo levantavam-se elles, em cumprimento das ordens paternas, beijavam a avó, e seguiam para os seus labores quotidianos.

Ella, no entanto, aguardava a chegada da neta querida, a Virgininha, muito quieta e composta no seu leito de ferro.

A Virgininha acordava um pouco mais tarde. Tambem depois da avó recolher, logo ao bater das ave-marias, ella seroava até á meia noute, ou uma hora da madrugada. Por isso a encantadora jovem se deixava ficar na cama até um pouco mais tarde.

Mas, mal se erguia, caminhava ligeira para o segundo andar, subia d'um folego a pequena escada, deixando sorridentes, na vasta cosinha, a Maria José e a Gloria, que a viam subir como um meteoro, fulgida e alegre como uma aurora.

Depois, quando surgia no alto da escada, brilhavam os olhos tristes e octogenaríos da boa da velhinha, e os labios, confrangidos pela edade, entreabriam-se n'um sorriso de ventura, e dilatavam-se para beijar as faces rubras e macias do anjo d'aquelle lar.

Procedia-se, então, á *toilette* da tia Joaquina,

porque ella de ha muito, não fazia uso das pernas, tomadas por um rheumatismo chronico.

Em seguida chegava a Virgininha ao topo da escada e dizia:

— Antoninho! Antoninho! Vem buscar a avó.

Antoninho é um rapaz alto, delgado, mas com uns nervos de aço, capazes de dobrarem uma barra de ferro, Era elle quem, quasi todos os dias, se encarregava de conduzir, em braços, a boa e provecta creatura. Tomava-a como se fosse um leve penna, e vinha collocal-a n'um prompto, na casa do trabalho, muito aconchegada á quente e brilhante braseira.

Alli ficava a tia Joaquina durante o dia, na sua posição forçada, envolvendo-se na tristesa grave e soturna de quem se vê inutilisada para os mais comesinhos trabalhos caseiros, para a lida, affanosa e saudavel, dos tempos felizes.

O rosto moreno mas liso, apesar dos annos, conservava o tom saudoso das epocas mais venturosas da vida, surgia d'entre o negro lenço que denotava a sua viuvez, como o da imagem d'uma santa, erectamente collocada sobre um altar christão.

Raramente se lhe ouvia a palavra, lenta e

triste como os seus pensamentos e as suas dores physicas. Passava, horas e horas, n'aquella immobilidade de estatua, e, se soltava a voz, era n'um tom tão baixo que, com difficuldade, se percebia o que dizia.

— Então como vae hoje, minha senhora? — perguntavam.

— Estamos para aqui até Deus querer — respondia.

Ao entardecer conduziam-na em charola para o seu quarto de cama, e, no emtanto, ficava a neta querida cuidando do chá, uma bebida preciosa para a tia Joaquina.

A Virgininha aquecia sobre a brilhante braseira o pão levemente untado de manteiga fresca, para que os fracos dentes da sua velha avó podessem tritural-o sem maior trabalho.

E lá ia a irmã da caridade, a angelical e formosa menina, levar ao segundo andar o chá anciosamente esperado, e dizer umas palavras meigas e consoladoras, que eram, por vezes, suave narcotico para o somno da boa e velha avosinha.

Ella, sentada no leito de ferro, tomava com delicia, o chá saboroso e fumegante, previa-

mente provado pelos labios rosados da sua Virgininha. Depois, dava graças a Deus, recebia um ultimo afago da sua adorada neta, e adormecia, com o Senhor, até á manhã seguinte.

Um bello dia morreu, depois de se compôr com Deus e com a sociedade, recebendo os sacramentos da Santa Madre Egreja.

Foi n'esse día que eu vi pela ultima vez a tia Joaquina, a quem respeitava e consagrava tal ou qual affecto, porque me habituara a vel-a durante os nove mezes que permaneci no hotel.

O habito é uma segunda natureza, embora se queira fazer prevalecer algumas opiniões em contrario. Eu por mim me julgo. Quando, por longo espaço de tempo, tracto com intimidade qualquer pessoa, sinto que se forma um vacuo em torno de mim, que falta alguma cousa na minha vida, se esse ente desapparece da superficie terrestre. E não posso contemplar, a olhos enxutos, o cadaver d'aquelles que conheci e presei, ainda mesmo quando me não ligam a esses seres inanimados os estreitos laços do parentesco.

Depois, eu respeito com muito mais acata-

mento os mortos do que os vivos. A immobilidade, a rigidez cadaverica nunca me incutiram pavor. Contemplo o pobre morto como uma cousa sagrada, como um envolucro terrestre, verdade seja, mas que abrigou em si essa essencia subtil e divina que se chama alma, e que deve ter buscado, após o apartamento do corpo umas regiões mais puras, em que a religião christã nos manda acreditar.

Por isso o morto me incute tanto maior respeito, quanto maior é o mysterio em que se envolve o luminoso espirito que o deixou.

O prestito funebre tinha seguido da ermida depositaria de S. Pedro para o cemiterio publico da Guarda.

Iam em alas os amigos da familia anojada. Após a cruz da freguezia da fallecida, a bandeira da Misericordia, os irmãos com as negras e sedosas opas, e o clero vestido de brancas sobrepelizes, rodeando o caixão da morta.

Os sacerdotes e os irmãos da Misericordia seguiram o feretro da porta á capella do cemiterio. Lá dentro, rezaram os ultimos responsos entoados na triste melopêa do cantochão sagrado.

A morta estava dentro do caixão na postura erecta e composta em que a vi uma vez no seu leito de ferro, no quarto do segundo andar do grande predio da rua do Marquez de Pombal.

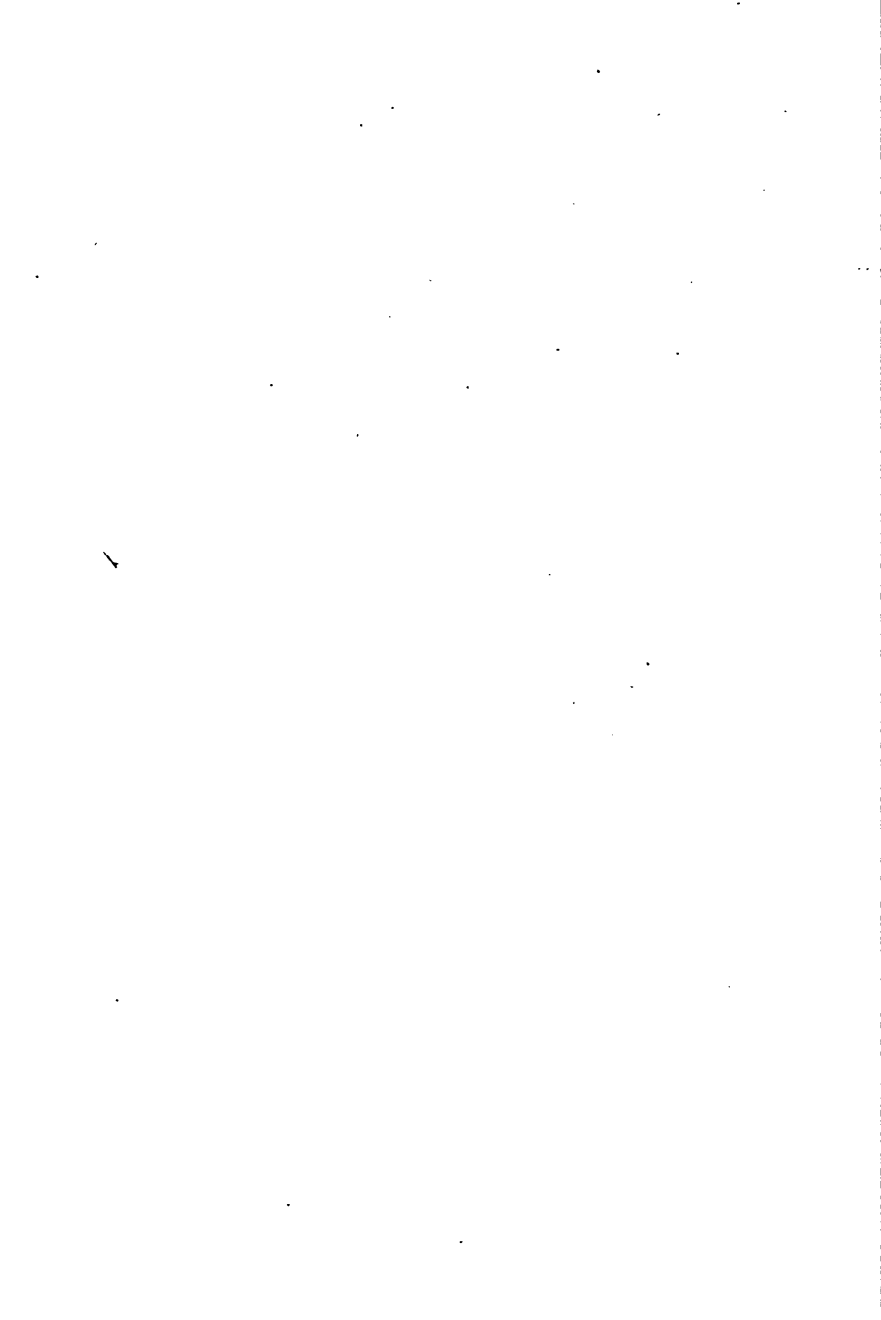
Só tinha cerrado os olhos bondosos e tristes, que tanta vez contemplei.

Envolta nos seus negros trajes de viuva, com a tunica cortada de estreitas rendas brancas, os cabellos em bandós, pretos como se não fossem os d'uma octogenaria, a face rigida mas composta, parecia dormir um somno longo e tranquillo, em nada semelhante ao da morte.

No altar da capella, onde ardiam seis lumes, estendia um Christo os seus braços amoraveis para a defunta, emquanto dos lados lhe faziam companhia duas imagens toscas, muito pouco proprias para accender a fé em qualquer espirito religioso.

Os padres, em volta do caixão, acabaram de entoar os ultimos psalmos, e o prior de lançar as absolvições finaes. Depois seguiram para detraz do altar, e, emquanto despiam as brancas sobrepelizes, falavam alto, e entre sorrisos, d'alguns casos bem festivos, que destoavam, por certo, do rosto rigido e triste da pobre morta, que eu contemplava pela ultima vez.

XV

FINIS

FINIS

A ALGUEM

Iam caminho de Queluz, os dois.

Sentados nas fartas e fofas almofadas d'um vasto *coupé*, as cortinas discretamente cerradas, deixando coar, frouxamente, a luz forte e quente do ardente sol de agosto, sentiam-se embalados suavemente pelas flacidas molas do carro, puchado, a passos lentos e compassados, por dois possantes hanoverianos.

Lá fóra ouvia-se o canto estridente da cigarra, o baço rodar do *coupé* sobre o leito da estrada de *mac-adam*, o assobio monotono do cocheiro, trauteando uma aria conhecida, popular.

Elles, porém, iam sós, perfeitamente sós; não pensando nas coisas d'este triste mundo, julgando-se em caminho do paraizo sonhado.

Que lhe importava o que se passava fóra d'aquelle espaço estreito, mas flacido, se a vida, o amor, se concentrava todo alli, no limite circumscripto em que pousavam os seus corpos, novos, vigorosos, plenos de uns appettites loucos?

A sua existencia, já agora, resumia-se em prelibar os gosos de tanto anceados, em descortinar esses pontos desconhecidos, que lhes surgiam nas regiões dos sonhos.

Estavam alli, um junto ao outro, como esses passarinhos de amor que, mal chegada a maviosa hora crepuscular, adormecem, escondendo as emplumadas e deliciosas cabecitas nas pennas auriverdes do terno e amoroso par.

Ambos jovens, ambos amantes, tinham santificado, de pouco, a sua ardentissima paixão, contrariada por uns pequenos estorvos sociaes, que mais afervoraram ainda o desejo da posse.

Iam tocar a appetecida meta, por tanto desviada do seu caminho primaveral, e, por um capricho estranho, elle, o noivo feliz, levára a sua dôce amada, coberta pelo transparente veu de noiva, adornada pelas symbolicas e fragantes flôres dos laranjaes.

Nos olhos d'ella havia promessas doidas, e como que a inconsciente curiosidade de umas delicias preadvinhadas, inspiradas talvez por essas palestras do collegio, durante as alegres horas do recreio. Ainda assim, a pallida imagem da iniciação juvenil, ficaria muito áquem da eminente realidade, — pensava ella, sobresaltada, mas feliz.

Tremia, por o ver junto de si, sofrego, alienado. Mas, a commoção que lhe embargava a voz, as chammas que sentia accenderem-se nas veias, punham-lhe um quebramento no corpo, dôce, suave, completamente desconhecido até então.

Sentia-se bem e mal promiscuamente; e, por si, estivera assim eternamente, entregue áquelle prazer delicioso e casto, que lhe arroubava os sentidos, que a fazia soffrer e gosar.

No emtanto, o seu bem amado cingira-lhe a cintura breve n'um abraço estreito, suffocante.

Impellira-a suavemente para si, e roçára, de leve, com um sopro callido, os seus labios purpureos, trementes. Era o primeiro beijo amante que tocára aquella boquinha, nacarada e appetitosa como um morango maduro. E, por isso, a impressão fez se sentir tanto ao vivo, quanto

lhe era novo, desconhecido, aquelle prazer sublime, que, insensivelmente, nos transporta ás culminações do goso.

Elle, porém, o senhor d'aquelle thesouro precioso, não se contentou em tomar-lhe dos labios virginaes o primeiro e saborosissimo beijo de amor.

Como os ebrios, que, bebendo taça sobre taça, jámais se lhe extingue a sêde imperiosa, devoradora; assim elle, libava, sofrego, aquelles labios tumidos, frementes, onde se reunira todo o mel d'uma colmeia colossal.

E, se de principio, o pudor, sempre innato em uma mulher virgem, não permittira á deliciosa noiva corresponder ao amoroso convite, a pouco trecho, e por mercê da sensação lubrica que se despertára em todo o seu ser, ella, nervosa, convulsionada, lhe pagava por mil o que recebera por cem.

Assim, bem unidos os seus corpos, collados os labios n'um beijo unico, interminavel, transmittiam, de si para si, todos os effluvios da adoravel paixão, que os conduzira, palpitantes, anceados, áquella terra da promissão, — um fofo *coupé*, onde, por favor e mui discretamente,

se coava; a medo, um dos raios brilhantes d'a quelle esplendido sol de agosto.

Entretanto, rodava sobre a lisa estrada de *mac-adam*, o carro thalamo, em quanto que na almofada, o cocheiro, indifferente, boçal, trauteava uma aria conhecida, popular.

E, pouco a pouco, ao voltar da ponte, appareciam, no fundo do valle, as casinhas brancas e alinhadas de Queluz, destacando-se e sobresahindo a mansão real, um triste arremedo do famoso *Trianon*.

O *coupé* avizinhava-se mais e mais do *terminus* da viagem, sem que os passageiros dessem, ao menos, o mais leve signal de si. Reinava, lá dentro, um silencio profundo, mysterioso; e os caminheiros, que lhe passavam de lado, diriam talvez, que aquelle carro, com os estores corridos tão hermeticamente, conduzia algum enfermo rico, levado a ares, para a saluberrima Queluz.

De subito, os hanoverianos, estacaram ante o atrio largo e alfombrado do hotel queluzense, refreados pela mão possante e amestrada do aprumado cocheiro. E ante a immobilidade do *coupé*, descerrou-se, imperceptivelmente, um

dos estores verdes, deixando perceher um rosto pallido mas varonil, em que fulguravam uns olhos curiosos, radiantes.

Quando o cocheiro, apeiando, baixou o estribo, abrindo, de par em par, a portinhola do carro, que se demorára hermeticamente fechado no percurso da viagem, um investigador divisou lá dentro, na penumbra esverdeada, uma mulher joven, formosissima, toda coberta de alvas e brilhantes roupas; e, a seu lado, fitando-a amorosa e radiante, um mancebo, que, com uma das mãos, lhe cingia a cintura breve, emquanto que, com a outra, amarrotava, distrahido, uma formosa corôa de flôres de larangeira.

Finis...

COLL

Vol

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

Eis os titulos dos ultimos volumes publicados:

N.° 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.° 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.° 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.° 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.° 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.° 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.° 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.° 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.° 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.° 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.° 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.° 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.° 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.° 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.° 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.° 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.os 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.° 36 — **Parisienses!**... romance, por H. Davenel.
N.° 37 — **Ao entardecer!**... rom., por Iveling Rambaud.
N.° 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.° 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.° 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins
N.° 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.° 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Schubin.
N.° 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.° 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.° 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.° 46—**Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.° 47—**João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.° 48—**Viagem sentimental**, por Sterne.
N.° 49—**O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.° 50—**A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.° 51—**O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.° 52—**O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.° 53—**Amor de Miss**, por J. Blain.
N.° 54—**A sogra**, por Dubut de Laforest.
N.° 55—**Colomba**, por Próspero Merimée.
N.° 56 — **Katia**, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.° 57 — **Alma simples**, por Dostoiewsky.
N.° 58 — **Duplo amor**, por J. H. Rosny.
N.° 59 — **Contos fantasticos**, por Hoffmann.
N.° 60 — **A princeza Maria**, por Lermontoff, traducção de Alberto de Oliveira.
N.° 61 — **Rosa de maio**, por Armand Silvestre.
N.° 62 — **Manon Lescaut**, pelo Abbade Prevost.
N.° 63 — **O romance do homem amarello**, (costumes chinezes), pelo General Tcheng-Ki-Tong.
N.° 64 — **A dama das violetas**, (imitação), por F. Guimarães Fonseca.

Os vol. com este signal * estão esgotados e vão ser reimpressos.